











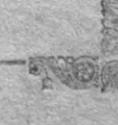


---

# POESIAS

82

*João de Alvim.*



160/164

# **O LIVRO DA MINHA ALMA.**



# **POESIAS**

DE

*João de Abaín.*

---

**VOL. I.**

---

**O LIVRO DA MINHA ALMA,**

---

**RIO DE JANEIRO**  
**1849.**



---

**TYPOGRAPHIA DE M. G. S. REGO,**

**Rua das Violas N.<sup>o</sup> 37.**

ros do Mondego; e quem sabe se já nos tere-  
lios sentado ambos á sombra da mesma ar-  
vore ! Tu viste o meu Tejo confidente dos  
tempos felizes da minha infancia, e recepta-  
culo de meus sofrimentos. Quem sabe se á  
mesma hora em que tu sobre o teu morro de  
Corcovado tens olhado as bellezas da tua ter-  
ra, estendido a perder de vista por esses mares,  
eu no penedo mais illevado da serra da minha  
Cintra estaria tambem olhando para as bellezas  
da terra onde nasci. Abriste-me os braços, e é  
a ti que eu entrego este livro, o da minha  
alma, e em grande parte as paginas disper-  
sas do livro da minha vida: é sobre elle que  
eu te peço a tua opinião franca, leal, como a  
opinião do poeta de hoje.

Ainda eu sou do tempo em que, quando se  
queria metter a ridiculo um homem, cha-  
mavão-lhe — poeta — e era uma boa loucu-  
ra, e ainda ha disso, porém menos; ainda ha  
disso agora que a poezia livre de todas as  
ficcões do paganismo, chama a tudo pelo seu  
nome, e falla à todos, linguagem do coração,

agora que a poezia não é somente uma ideia para o espirito, um sentimento para a alma, uma imagem para a imaginação, antes uma missão para o poeta, uma falla que hade civilizar o mundo ; agora que a poezia, como diz Lamartine:

*Aurá d'ici là des nouvelles— de hautes cestinées a remplir !... Qu'importe.*

E' a ideia da mocidade deste seculo a civilização, por isso crê e prega suas crenças sem medo, por isso falla com este fallar misterioso que Deus lhe concedeu para convencer encantando.

Julguei dever fazer o offerecimento deste livro ás Senhoras Brazileiras como verás na introduçao.

*João d'Aboim.*

## AMIGO.

LI o teu livro como se lê as cartas d'um viajante, que nos discribe os lugares por onde um dia passamos na vida. Os mais alegres annos da minha juventude correrão-me em Portugal, — lá me ficarão amigos que me peza de ter deixado talvez para sempre ; e não sem saudades me posso agora recordar dos sitios que vi , das pessoas que amei e da terra que me foi como uma segunda patria.

Em quasi todas as tuas paginas encontro estas recordações,— e o teu livro tambem para mim é o livro da minha alma. Simpathizei com elle como simpatizo com todos os sentimentos do poeta, com todos os soffrimentos da humanidade — sejão quaeis forem.

Triste foi o teu fado, por que é sempre triste o desterro com a dor de quanto perdemos na patria, o que ainda mais avulta com a incerteza do que havemos de encontrar por terras desconhecidas. E' triste para aquelle a quem uma vaga inquietaçao e ardor nunca satisfeito leva pelo mundo peregrinando, mais triste para o que irritado contra a ordem de

coisas que observa — talvez injusta — se vê depois obrigado a fugir dos seus como de inimigos, e a procurar longe da patria o asilo que ali se lhe nega ; — dolorosamente triste para o poeta, que menos deveria sentir esta separação, se os sofrimentos que ali passamos não fosse motivo mais forte para a querermos cada vez mais.

Não creio no azar ; — não creio que essa longa e desgraçada familia dos poetas tenha sido desgraçada por capricho de uma inexplicável fatalidade : não. Collocados no auge das gradezas humanas, ou vivendo n'um pobre e miseravel tugurio, — com todos os bens que para a maioria dos homens constituem o que se chama felicidade, ou esmolando o pão da caridade — serião sempre e eternamente desgraçados. De uma natureza mais delicada, mais sensivel, mais profundamente impressionavel, são capazes de prazeres que o vulgo não comprehende, de alegrias immensas e indefiniveis, de extasis que parecem loucura commum dos homens, de assomos de cholera

## MEU AMIGO.

SE algum dia sahiste da terra onde nasceste, apertaste em teus braços e misturaste prantos com todas as tuas affeições mais caras, se já viste fugirem a teus olhos a misturarem-se com céu e nuvens os ultimos torrões da tua terra natal, e vir depois a noite, e acordar apoz ella d'um dormir incerto, e ver a amplidão do Oceano, e o céu que nos cobre ; havias de sentir como poeta que és, e poeta do coração, com os olhos fitados para o lado da tua patria, qual é a saudade que nos fica ahí.

Contudo nesse infinito Oceano que se passa, no mar que ora ruge violento, ora se aliza desdobrando-se como um immenso lençol, no céu ora nuulado, ora manto azul recamado de luzes, nessas horas de melancolia e tristeza profunda em que o sól vae mergulhar-se no Oceano com seu docel de mil cores, na luz inspiradora do meigo astro da noite, ha mais poezia, ha mais crença do que no bulício continuo das cidades, do que no prazer da vida domestica. Se neste mundo existe al-

guem para quem a saudade seja uma melodia intima, o amor uma necessidade, a vida um misterio, é o poeta : nasce fadado para amar, sofre já em teiros annos, porque o espaço do corpo do homem é pequeno para a sua alma,—cresce, e identificado com o sofrimento, precisa até as vezes de sofrer,—morre e morre ainda amando, amando no ultimo quartel da vida: á beira do sepulcro, o poeta ama, ou odeia; não despreza nunca, e por isso eu amo tudo que é poeta.

Ao sahir da minha terra, recebi o adeus de todos os meus e quasi todos os teus amigos, poetas de hoje, todos jovens, todos inspirados, muitos já com um nome illustre, recebi delles os ultimos productos da sua imaginação ; tive tençao de os publicar a mais de duas mil leguas longe delles, porém a — Lilia poetica — já o tinha feito em parte, e o resto que me ficava não era bastante para um volume, como o que no meu prospecto anunciei com o titulo — *Echos da minha patria* — oferecido á mocidade Brasileira —

**Eu julgo a mocidade a mesma em toda a parte do mundo, é a geração nova surgindo profetica e cheia de crenças sobre as ruinas da geração que passou, é o talento, é a inteligencia que se une por toda a parte abrindo o caminho do futuro.**

**Ea creio do fundo d'alma na mocidade inteligente deste seculo, amo a minha patria como verdadeiro portuguez que sou, nenhuma terra acho tão bella, por nenhuma a trocaria, que tenho até ciumes s'imagino maior belezas nas outras ; amo a minha patria, e para amigo meu não quero quem não ame a terra onde nasceu ; e contudo já m'agastei muito com ella, cobri-a d'improperios, mas quando a ví do Oceano a fugir a meus olhos, chorei, e ví que o que eu tinha dito, era o efecto d'uma suspeita de namorado, que ella já me perdoou.**

**A mais de duas mil leguas de tudo que me é caro, achei teus braços abertos para me receber, aqui na tua terra, debaixo do sól dos tropicos, onde a natureza é sublime, onde**

a vista se perde nesses campos e montanhas de verdura, onde a imaginação pára por inspiração de mais, em frente da altivez de seus morros de granito, onde o gigante de pedra dorme socegado com a segurança do futuro venturozo deste paiz nascente, onde o teu Guanabara quazi sempre tranquillo dá vida e frescura ás praias, serpenteia em torno de uma imensidade de ilhas.

Abriste-me os braços, e assim devia de ser; ambos temos passado na vida, ora por uma estrada de flores, ora pizando as urzes das montanhas ; ambos temos seccado prantos á força de cantar, ambos temos cantado sem aviltar nossos cantos.— Deus — Patria — amer, eis o que eu tenho lido em todos os productos da tua imaginação de poeta:— Deus — Patria — amor, eis o assumpto de meus pobres versos. Foi neste sólo onde bebesste as primeiras inspirações da poezia que ergueste teus bellos, e melodiosissimos cantos ao som do Guanabara, mas tambem cantaste recostado, á sombra dos choupos e salguei-

imprudente e irresistivel, e de dores tão violentas que os outros nem as sentem, nem as podem adivinhar. Precisão de sofrer como outros de gozar; por isso o mundo que os so pragueja e amaldiçõa não faz talvez senão cumprir os designios d'aquelle que só para isos parece ter criado : cortão-lhe até a mais intima das fibras do coração, como com as arvores balsamicas se practica, para que deitem rezina mais preziosa,— cegão-n'os para que cantem com mais docura,— martyrisão-n'os para que, resumindo nos seus cantos o que todos juntos padecem, tenhão consolação para todas as lagrimas e balsamo para todas, as chagas.

Assim, amigo, consola-te: a patria do poeta é o universo e todos os homens são seus irmãos. Onde quer que os arrogem as ondas do seu viver procellozo hão-te sempre encontrar a natureza, que para ninguem é madrasta, que a todos pertence, mas de que só os poetas sabem gozar. Não sou o primeiro que o digo ; a sorte que á muitos delles negou a

sombra de um arbusto onde podesse refazer os membros fatigados do cansaço, ou uma pedra onde repousassem a cabeça escanciada, deo-lhe em dadiva a amplidão do espaço por onde vagão livres com a imaginação criadora: deo-lhe ainda mais que das raias do possível, onde os heroes baqueião, levantassem o vôo altaneiro para conquistar e povoar as regiões mysteriozas do infinito. Liberdade e solidão—eis as duas unicas condições da sua existencia : por isso tambem não ha força que os possa despojar de uma ou de outra. No calabouço, entre ferros, clausurados por toda a vida são livres, são ainda poetas. No tumulto das cidades, no estrepito das armas,— no deserto ou no povoado, na paz ou na guerra— vivem sós, por que a sua vida é o coração.

Mas se em qualquer parte terias encontrado outra patria, se em todos os homens terias achado irmãos, nem huma outra nação te poderia ser menos penoso desterro do que esta, que está cheia da lembrança dos teus ; —

nem huma outra gente que mais ames depois da tua do que esta, que tendo a mesma origem e fallando a mesma lingoa, e apezar dos tempos e das circunstancias, abrem hospitaleramente os braços para nelles receber a industria e a ilustração, donde quer que vinhão e quasquer que sejão : por que neste abençoado paiz em que vivemos, ha espaço para todos e ainda para os poetas.

Possas tu progredir na empreza que tão felismente começaste, e receber dos meus compatriotas o bondoso acolhimento que me fizerão os teus irmãos de Portugal.

28 de Fevereiro de 1849.

*A. Gonçalves Dias.*



## INTRODUCCÃO.

---

Oh sexo encantador ! é meigo, é bello  
Teu divino sorrir, é mago, electrico,  
De tua voz o som,— delirios d'alma,  
Um volver d'olhos teu, prestes nos manda.  
Oh sexo encantador, eu te saúdo :  
A ti os versos meus, a ti meus cantos!...

Quer te eleves usano e radiante,  
 Em throno de cadav'res de mil vates,  
 Quer busques seductor n'um peito amante,  
 Um degrau novo p'ra subir ao solio ;  
 Quer nos olhos mortaes eu te devise  
 Momentaneo sentir d'amor em fogo,  
 Quer finjas esse amor á flor dos labios,  
 Quer te revista o lyrio da innocencia,  
 Quer desabroxes como flor no prado,  
 Lançando effluvios de suave aroma ;  
 Os meus cantos são teus ; amo-te sempre.

Amo-te, oh sexo, poesia adora-te,  
 Deve-te muitos sons, muitos encantos,  
 Muitas inspirações ! Que o diga o echo  
 Nos rochedos de Cintra inda ensinando  
 O nome de Beatriz ; ouve-se ainda,  
 De noite, quando a lua vaga usaaa  
 Engastada em azul no espaço immenso,  
 Uma voz de saudade inda sentida  
 Do poeta infeliz morto d'amores.

O nome de Natercia repetido  
 Nos longos areaos d'Africa ardendo,  
 Inda vem murmurar, de noite, sempre,  
 Nas horas mortas do calmozo Junho !



No silencio do Tejo ! O echo surdo  
 De terra em terra transportando á Patria  
 Na lyra do cantor o nome della.  
 Alem nos lindos campos de Ferrára  
 O nome de Leonor, e a voz sentida  
 Do cantor de Clorinda inda s'escuta.  
 Do cisne carpidor, honra do Tibre,  
 A fonte de cristal repete ainda  
 De Laura o doce nome armonioso  
 Na soidão de Vanclusa, á voz d'um vate.  
 Amo-te, oh sexo,— poesia adora-te,  
 Concede-te seus dons, da-te seus mimos,  
 Ou serás tu acazo a flama cthérea  
 Que ao triste trovador arde na fronte ?...

Estas trovas singelas que hei cantado,  
 Na senda do viver passando triste,  
 Tu m'inspiraste só. — Aos meus delirios  
 Presidindo a sorrir olhei-te sempre ;  
 Meus prantos sempre teus, minhas venturas  
 Hão brotado de ti. Se tu não foras,  
 Ermo triste julgára o mundo inteiro.

Mulher, anjo na terra, eu te saúdo !  
 Por ti meu sentimento hei conhecido,  
 Por ti olhei a flor solta nos campos,

Com a lúa conversei, pedi-lhe os brilhos,  
 A' aurora me sorri, fallei ás ondas  
 A' beira do Mondego e junto ao Tejo.

Por ti ao pôr do sol tive saudades,  
 Subi aos montes, meditei no mundo,  
 Viva crença por ti conservo n'alma.

Mulher, anjo na terra, eis os meus cantos !  
 Bellas filhas gentis do Guanabara,  
 Recebei os meus ultimos suspiros ;  
 Bondozas escutae meus versos tristes.

O sol ardente deste lindo sólo  
 Deve ardentes tornar as almas todas ;  
 Seus montes verdes topetando os astros  
 Erguer a mente aos vôos mais altivos  
 Do vago imaginar entre os misterios !  
 E vós, que de manhã sorrís á aurora,  
 Que as ondas podem, incansaveis sempre  
 Melodias levar dentro a vossa alma,  
 Vós que olhaes o gigante envolto em nuvens  
 Ou do ceu limpo destacar cinzento ;  
 Vós que á sombra fermoza das palmeiras  
 D'aves saudozas escutae os cantos,

Ternas filhas gentis do Guanabára,  
Recebei os meus ultimos suspiros,  
Bondozas escutae meus versos tristes.

Oh sexo encantador ! Se eu te hei amado !  
Amei-te como a vida que a meus olhos  
Risonha se m'abriu em tenra idade;  
Mas trinta annos la vão, dentro do peito  
Cançou-me o coração, morreu minha alma,  
Vivi vida de mais em tempo curto,  
A' força de sentir, amar não posso.  
Oh sexo encantador, quero adorar-te,  
Adorando o meu Deus na tua imagem,  
Respeitoso e contricto ás tuas plantas.  
Nos cantos que eu cantei mostrar-te quero  
Na vida que passou qual foi minha alma.  
Ternas filhas gentis do Guanabára,  
Recebei os meus ultimos suspiros,  
Bondozas escutac meus versos tristes.

1.º DE DEZEMBRO DE 1848.



## AS DUAS FLORES.

NO ALBUM DO MEU AMIGO

*Antonio Pereira da Cunha.*

---

A lira do triste que sons lhe ficárão ?  
Saudozos suspiros de morta illuzão  
Ao cisne do Lima que sons lhe sadárão ?  
Sorrizos e beijos que os anjos lhe dão.

Existe em paramo triste  
Uma saudade, no mundo  
Traja de lucto, está só;  
Se suspirasse!.. profundo

Seria seu suspirar.

A verde esp'rança que tinha  
De seu calice brotado,  
Pallida, triste, pendida,  
Parece quasi sem vida.

Viceja por entre flores  
N'uma encosta de verdor  
Nivea cecem, do candor  
Da neve que se despenha:  
Oh! quem ha hi que não tenha  
Um coração para a amar,  
Um hymno que lhe mandar  
Em doces trovas de amor !

Oh! quem ouzaria, tam louco, na terra  
A flor da saudade p'ra si escolher  
Ao pé da açucena qual virgem que encerra  
Ditoza alegria no ledo par'cer.

E vendo-a tão linda, qu'em prado de flores,  
Qual bella entre bellas, alli sobresae  
Qual vara fadada, — em sonhos d'amores  
Das turbas, de todos as mentes atthrae.

E a outra tam triste qual dama choroza,  
Que esp'rança fagueira d'amor lhe finou,  
Com véo d'amethysta, na vida só goza  
Um hymno da lira, que o ermo fadou.

Eu quero a saudade, que só no deserto  
Nascen, teve vida, cresceu, definhou;  
Eu amo a saudade, que achei por acerto  
No resto da lira que o mundo quebrou.

Mas tu que és poeta, que vives e gozas,  
Que amas e sentes, e sabes cantar,  
Que tens lira d'ouro c'roada de rozas,  
A nivea açucena tu deves amar.

A' lira do triste que sons lhe ficárao ?  
Saudozos suspiros de morta illuzão.  
Ao cisne do Lima que sons lhe sadárao ?  
Sorrizos e beijos que os anjos lhe dão..



## UMA BORBOLETA.

Por que adejas assim, ligeiro insecto ?  
Por que a deshoras vens, ao triste bardo  
                A mente perturbar ?  
Devaneios d'amor aqui scismando,  
Pensava a sós comigo ardendo em chamas ;  
                Eu quero o meu scismar.

Que me vens tu dizer, — Sybilla triste ?  
Que seguindo essa luz que atthrae minha alma  
                Tambem heide acabar ?  
Que em delirio, qual tu, eu tambem vago,  
D'outro fogo divino embellezado,  
                Que assim heide finar ?

Tu dizes-me o que eu sei : — Sybilla ao bardo,  
E' a alma de fogo, — a mente hardida,  
O vago delirar :  
Sou louco qual tu és, e a vida quero  
P'ra junto á minha luz, e em qualquer hora,  
Poder a sós pensar.

Se eu já fui como tu, ligeiro insecto,  
As paixões meditei, e posso agora  
Comigo só lutar;  
Rio sempre no mundo um rizo amargo ;  
Mas nas sombras da noite, eu venho á lira  
Meu pranto confiar.



## DEVANEIO.

### DOUS ESPECTROS.

A' luz mortiça de brandão funéreo  
As campas dos finados se elevavão;  
Dous corpos recebia um cemiterio,  
E canticos de morte s'entoavão.

Um do valente, indomito guerreiro.  
Que no campo de heróes perdendo a vida,  
Mandára áquella que adorou primeiro  
Um suspiro d'amor d'alma sentida ;

Outro corpo de um anjo inanimado,  
Finado de saudade, e de ternura,  
Era o teu, oh Palmira, que o destino  
Te deu em verdes annos sepultura.

Pensando em seu amor, vida gozavão,  
E a sorte feliz quizera um dia,  
Que os entes que na terra s'adoravão,  
Baixassem d'uma vez á campa fria.

No silencio da noite em tardas horas,  
Da terra revolvida  
Espectro colossal surgiu da campa  
Da campa ennegrecida !

E na louza de morte sentado,  
Uma lira de pedra pulsando,  
Com o craneo n'um cedro encostado,  
Com a mente na terra pensando,  
Soffre amor, tem ciume o finado !....

« Já não pensas em mim ? Teu lindo seio  
« Por outro que não eu, terá pulsado ?  
« Hirei teu somno perturbar, tornado

« Na figura d'um mocho escuro e feio ?  
« Verei o teu dormir mais socegado  
« Por meus tristes gemidos despertado ?...»

—« Não verás, durmo a teu lado  
« Somno eterno em terra dura : »  
Fallar de virgem se ouvia  
D'entro d'uma sepultura.

Depois ergueo-se um espectro  
No banquear indicizo ;  
Livida a fronte, o rosto desbotado,  
E nos labios apenas um sorrizo ;  
Um sorrizo d'amor d'alma tam pura  
Que tam virgem baixou á sepultura.

Depois forão dormir o somno eterno,  
E delicada flor,  
Junto a louza da virgem, que na terra  
Sentira tanto amor,

Brotou ao romper d'alva a mais fermoza ;  
E não desabrochou !  
Lá está em botão, seccou, e o seio  
Ao mundo não mostrou !...

## A MINHA SAUDADE.

Vive tu, que eu tambem vivo,  
E por ti morro d'amores;  
Solitaria te contémplo,  
Que não gósto d'outras flores.

Nivea cecem mostre embora  
Suas folhas de setim,  
Eleve a fronte orgulhoza  
A papoula de carmim.

Brilhe embora entre mil flores  
Alva a roza no jardim,  
Espalhe seu doce aroma  
O voluptuozo jasmim.

Nenhuma dellas eu quero,  
Que de ti só gosto, flor,  
Minha saudade isolada,  
Saudade de triste côr.

Eu te adoro a verde esp'rança,  
A debil haste vergada,  
Os dous tronquinhos nascentes,  
Tua mudez inspirada.

Amo a terra onde nasceste,  
Amo-te a face, mimoza,  
Amo-te assim mesmo triste  
Melancolica e viçoza.

Os teus encantos eu amo,  
Triste, só, ou entre flores,  
E's a fada solitaria,  
Que sonhei em meus amores.

E's triste, mas primoroza ;  
Mal haja quem te colher !  
Se eu te colhesse, murchavas ;  
Havias depois morrer.

Podia secca guardar-te ;  
Mas isso de que valia ?  
Secca a flor, mirrada a esp'rança,  
Minha vida eu mais não queria.

Vive tu, que eu tambem vivo :  
E por ti morro de amores.  
Solitaria te contemplo,  
Que não gósto d'outras flores. —



**ENTÃO NÃO QUERO BRINCAR.**

Se junto de ti eu tremo  
E' que desejo dizer,  
Couzas que dizer eu temo,  
E que tu deves saber....  
« Era pelo mez d'Agosto,  
« Foi á hora do Sol posto...  
« Eia poís vou-t'o contar.  
« Todos os cinco sentidos....  
« Mas tu não prestas ouvidos !  
« Então não quero brincar.

« Tu ris-te ?... gosto d'um risco  
« Roçando por labios teus ;  
« Quando alegre te diviso,  
« Eu sinto cousas dos céus.  
« Não sei que tenho cá dentro,  
« Que é tam bom. e tão violento ;  
« Tenho medo de fallar : —  
« La vai : — Quizera contigo... —  
« Basta, se mangas comigo,  
« Então não quero brincar.

— Tu córas ?... còr tão fermosa  
« Não tem a roza singela  
« Quando s'ostenta vaidosa  
« Por entre a silva mais bella ;  
« Não tem o mar mais encantos,  
« Não tem mais belleza os cantos  
« Do mais sentido trovar !...  
« Tu ris-te como perdida !...  
« Aborreço a minha vida,  
« Basta... não quero brincar.

— Se tu sentisses apenas  
« Metade do meu sofrer,  
« Se curtisses duras penas,  
« Passando a vida a gemer ;

« Soubéras que é um tormento  
« O primeiro sentimento.  
« Então estás a chorar?...  
« Se entendes o que eu te digo,  
« Vem tu ser o meu abrigo,  
« Que já não posso brincar.



**VERSOS ESCRIPTOS N'UM ALBUM.**

**EU SEI?...**

Sei que teu genio delira,  
Sei que pulsas triste lyra,  
Sei que teu peito suspira.  
Em funda meditação;  
Eu diviso-te um receio,  
Occultando o doce enleio,  
Que te agita em terno seio  
Uma doce sensaçao.

Eu sei que tens uma estrella  
Que a julgas lusente e bella,  
Que o fogo que nasce della  
Te vai na fronte pouzar ;  
Qual gelo de serro altivo,  
Um triste pranto furtivo  
Por teu rosto pensativo  
Tenho eu visto resvallar.

Quando vaga presurozo  
Teu pensamento amoroso  
Sobre o livro desditoso  
Do poeta namorado,  
Dessa fronte foge a calma ;  
Que o martyrio tem a palma  
No sentir nascido d'alma  
Declirante e reservado.

Por que domina a tristeza  
Ao teu corpo sempre preza  
Das roupas na singeleza  
Do teu escuro trajar ?...  
Julgas do astro da vida  
Linda a carreira seguida,  
Estrella de luz perdida  
No momento de passar ?...

Se os mares inda tem praias  
Se os bosques inda tem faiãs,  
Oh virgem ! por que t'espriais  
Em funda meditação ?  
Se o sol tem vivos fulgores,  
Se a lua revela amores,  
Se nos campos nascem flores,  
Que mais quer meu coração ?...

Queres doce e ledo canto ?  
Um sorriso em vez de pranto,  
E por entre o negro manto  
Da noite uma luz brilhar ?  
Eu te dou minha alegria,  
Pois não tenho uma armonia  
P'ra n'um canto de poesia  
Tua alma alegre deixar.

Tempestade tem bonança,  
Feliz vida dá lembrança,  
A saudade dá esp'rança,  
Ninguem deve entristecer ;  
No mundo, tudo fenece,  
O sentir d'alma adormece,  
Mas tristeza permanece,  
Dentro d'alma, sem morrer.

---

## DESENGANO.

Desengano !... palavra misteriosa  
Som gelado e maldito que desinhas  
As meigas illusões que nesta vida  
Alimento por querer... Oh desengano  
Maldicção do meu Deus p'ra que tentaste  
Nesta alma penetrar ?...

— Acaba tudo ! —  
Tu bradaste no som que me congela,  
— Acaba tudo ! — repetirão echos  
Dos tumulos talvez ! Oh desengano,

Fa não quero findar, nem em minha alma  
Sentir quero apagada aquella chamma  
Dos meigos olhos seus, embora finde  
Este corpo mortal; pertença á terra;  
Mas esta alma morrer !... Durante a vida  
No futuro olhar só o esquecimento,  
Sem esperança e sem fé, oh desengano,  
Que me resta depois ? quando o meu corpo  
P'ra sempre repouzar ; viráõ os homens  
Do mundo que odiei á lage fria  
Com sorrizo d'escarneo inda insultar-me ?  
E algum tempo depois, risonha, bella,  
Virá essa que amei, que adoro tanto,  
Que a vida me tirou, sorrir com elles,  
Felgar, fallar d'amor nos braços d'outrem;  
E vendo, e decifrando as letras negras  
Do nome que foi meu, sorrir de novo ?  
Ou insultar-me ainda n'um suspiro  
Tão diff'rente dos meus, tão falso em tudo ! ?.  
Oh desengano atroz, deixa que eu pense  
Devancios d'amor, deixa-me apenas  
Um momento se quer p'ra ver-lhe o rosto,  
Julga-lo inda uma vez face de um anjo.  
Oh deixa... deixa-me ir sobre seus olhos  
Uma vista sondar ; deixa-me ainda  
Delirante rever nos seus cabellos,  
Teia que m'involveu per toda a vida,  
Que me deu no prezente o sofrimento

Esp'rança no porvir ; deixa-me ainda,  
Desengano cruel, sonhar venturas!  
Oh deixa, deixa aiuda que meus olhos,  
Suas vistas pouzar vão sobre a fronte  
A pedir-lhe uma só, uma palavra,  
Do accento inspirador da voz divina.

Oh não me digas, não, que vem mentido  
D'aquellos labios d'anjo o som fagueiro,  
Que me revela amor ; oh não me digas  
Que é falso o suspirar ! Dessa grinalda  
De flores tão gentis, qual ja me forão  
Antigas illuzões, oh deixa-me esta,  
A mais linda, a melhor á que eu não posso  
Desfolhada —no chão— olhar sem vida.

Dezen~~ano~~ cruel, peço-te agora  
Poucos momentos mais em rogo extremo:  
Deixa-me imaginar daquelle seio  
No sobejo candor, no som vehemente  
D'um terno coração que não despreza  
O sentir, a paixão, que lhe hei votado.

Dezengano ! Fatal é a verdade  
Da tua occulta voz, tiraste a vida  
Ao pobre trovador ; vi sobre a terra  
A ultima illusão, a flor mais linda  
Desfolhada cahir !...

Oh dezengano !  
No mundo o que me resta ? não me dizes

Que o sentimento meu não tem um echo  
Em peito de mulher ?... onde heide acha-lo ?  
Que ente ha mais bello que a mulher ! — E essa  
Que em torturas d'amor matou minha alma.  
Que eu vi... que eu adorei, que adoro, e vivo  
Quazei acreditar....

Eu quero a morte,  
E sobre os ossos meus, escripto em negro:  
— Em delirios d'amor baixou á campa !..  
Ninguem reze por mim, mas se na terra  
Algum amigo conservar do triste  
Tenue recordaçao.... vá sobre a louza  
Desfolhar-lhe uma flor, uma saudade !...

---

## **DO QUE EU GÓSTO.**

Eu gósto dos olhos negros,  
Que ao vê-los quasi morri;  
Os olhos pardos eu amo  
Como os della eu os senti ;  
Olhos azues não desprezo,  
Que por elles já soffri ;  
Os olhos verdes adoro,  
Fermozos, ternos os vi. —

As cér dos olhos que importa  
Privados d'animação ?  
Verdes, pardos, azues, negros,  
Que valem sem expressão ?  
Eu quero os olhos que dizem  
Segredos d'uma paixão ;  
Eu amo os olhos que fallão,  
Que vibrão no coração.

Gósto do negro cabello,  
Que a noite me faz lembrar ;  
Eu vejo nas tranças d'ouro,  
Raios do sol a brilhar ;  
Nos castanhos vejo os fructos  
Do meu Tejo alem brilhar :  
Dos cabellos todos brancos  
Gósto, que os sei respeitar.

Que vale a cér, se os cabellos  
Se vão lizos a correr,  
Se brilhão n'um rosto lindo  
Qual uma estrella a nascer ?  
Se louros, negros, castanhos  
Costumão, sabem prender;  
Se brancos, cauzão respeito,  
Dizem, revelão saber.—

Da côr alva gósto muito,  
Neve foi onde eu ardi :  
Eu adoro a côr morena,  
Ja por ella enlouqueci :  
Eu gósto da boca breve,  
Que só n'um bejo abrangí:  
Gósto de tudo que é lindo,  
De tudo bello que eu vi.



## **DUAS ESTRELLAS.**

No céu recamado de luzes sem fim  
Tenho uma luzinha, que um anjo me deu :  
Librada no espaço, distante de mim,  
Ha outra, que é delle, tam triste, como eu.

Nas horas mais tardas das noites d'estio,  
Eu vi as luzinhas, ouvi-as fallar ;  
Vanil entre as aguas do patrio meu rio  
Seu fogo mil vezes lhes vi retratar.

De noite, nas fragas lascadas dos mares,  
Senti a tormenta na rocha bramir ;  
Fitei os meus olhos n'um ceu de safiras  
E a estrella eu vi delle p'ra mim a sorrir.

Seu fogo divino, que assim m'inspirava,  
Por vezes brilhante nos ceus fulgurou ;  
Mas nuvem maldicta que os ares toldava  
P'ra sempre a meus olhos seu fogo occultou.

Vaguei depois disso nos campos sozinho,  
Nem mais vi a estrella que o anjo me deu ;  
Sentei-me nas rochas, andei sobre mares,  
Fugiu-me dos olhos, perdida no céu.—

Perdi nesta vida viver inspirado,  
Findou-me de vate celeste condão,  
O mundo bradou-me com bafo gelado :  
— Na terra que habitas é tudo illuzão !—



## O POETA E O REI.

CONTO HISTORICO DO 15.<sup>o</sup> SÉCULO.

---

Esse tempo é já passado,  
Mas na Historia elle ha deixado  
Saudade que se ha gravado  
Dentro d'alma ao Portuguez !  
Era um tempo bem ditoso:  
Do Rei o povo orgulhosò  
Chamou-lhe bom, venturoso,  
Por couzas que o Rei lhe fez.

O Rei Dom João segundo  
Largava em paz este mundo  
Com sentimento profundo  
D'um filho aqui não deixar:  
De seu braço por victoria  
Arzilla fica em memoria,  
E á India, coube-lhe a gloria  
D'abrir-lhe as portas por mar.

O filho de Dom Fernando  
Empunhou o sceptro, quando  
Em novo mar tremulando  
Se viu de Christo o pendão.  
Então a mente lh'inflama  
Aquellea nascente fama,  
E p'ra India manda o Gama,  
Do mar fero capitão.

D'alta gloria elle sedento,  
Soltou a bandeira ao vento ;  
Teve o arrojo, e o nobre intento  
De novas terras transpor :  
De Luzo tinha os ardores,  
Trouxe á c'roa novas flores;  
Que o diga o Rei dos cantores,  
Que o diga o Adamastor.

D'Arabia a grande belleza,  
Da Ethiopia a grandeza,  
Da Persia a muita riqueza,  
Tudo veio a Portugal !  
No mar que uivava d'ufano,  
No torrão Americano,  
Linda perla no Oceano  
Achou Pedr' Alv'res Cabral.

Ganhou o Rei mil thezouros,  
Expulsou de todo os Mouros,  
Mer'ceu cantares e louros,  
Pae — o povo lhe chamou :  
Foi o filho da ventura,  
Teve morte prematura,  
E jaz n'uma sepultura  
D'um mosteiro que elevou.

Esse tempo é já passado !  
Mas na Historia elle ha deixado  
Saudade que se ha gravado  
Dentro d'alma ao portuguez:  
Era um tempo bem ditoso !  
Do Rei o povo orgulhoso  
Chamou-lhe bom, venturoso,  
Por couzas que o Rei lhe fez. —

II.

Ora o rei tinha uma filha,  
Maravilha,  
Enlevo d'alma, e primôr;  
E de Cintra n'um rochedo  
Canta a mêmô,  
Canta a mêmô um trovador.

Nesses cantos que sentia,  
Envolvia,  
N'um sudario o coração,  
Por mui alto erguer amores ;  
Que rigores,  
Que rigores só lhe dão.

Era o mestre da princeza;  
A grandeza  
De sua alma lhe encarnou ;  
Que por ser tão bem formada  
Sepultada,  
Sepultada a dôr deixou.

Tinha o rei a cr'oa de ouro,  
E de louro  
Só o triste a cr'oa tem:

Por isso reserva e cala;  
Mas a falla,  
Mas a falla aos olhos vem.

Em silencio o amor mais puro  
Triste e duro  
Quiz o fado aos dous impôr :  
Tal respeito nelle havia  
Que'inda via,  
Que'inda via em tal amor.

Elle vive dos gemidos  
Só ouvidos  
Da serra na solidão :  
Elle vive de seus cantos,  
Que seus prantos,  
Que seus prantos só lhe dão.

Solitario n'erma serra  
Se desterra,  
Só lhe diz o seu soffrer.  
Como elle se carpia  
E gemia,  
E gemia, em que gemer !.

São do poeta os amores  
Todos flores,  
Que só nascem na soidão.  
Deste em frente lhe passava  
Uma lava,  
Uma lava de vulcão.

Que poeta tão sofrido,  
Tão mal qu'rido,  
Da ventura e do amor !  
Elle vive de cruezas,  
De tristezas,  
De tristezas e de dôr.

Elle canta !... mas nos cantos  
Todos prantos  
Cifra o triste o seu viver;  
Elle sabe que partida  
Alma e vida,  
Alma e vida lhe vai ser!...

E não solta um grito irado  
Desesp'rado...  
E' poeta, e é christão !...

Alma nobre, não tem ira;  
Mas suspira,  
Mas suspira de paixão.

Tinha o rei a cr'oa de ouro,  
E de louro  
Só o triste a cr'oa tem.  
Por isso reserva e cala;  
Mas a falla,  
Mas a falla aos olhos vem.

III.

Princeza fermosa, quem te ha desbotado  
Das faces tão lindas o lindo rubor ?  
Pudibunda rosa, quem te ha maltratado  
Ao sopro primeiro da vida na flor ?.

Princeza, por que meditas,  
Olhos cravados no chão ?  
Porque tuas tranças louras  
Desalinhadas estão ?  
Porque um sorriso de gozo  
Não soltas do coração ?.

Porque uma lagrima triste  
Por faces vem resvalar,  
Qual per'la da madrugada  
Vai no seio á flor seccar ?  
Por que seu sonno inocente  
Já vem sonhos perturbar ?.

Princeza, por que 'stás triste  
Saudosos cantos a lêr ?  
Quem te deu esse livrinho,  
Que te faz entristecer ?  
Por que não brilha em teus labios  
Um sorriso de prazer?...

Princeza sermosa, quem te ha desbotado  
Das faces tão lindas o lindo rubor ?  
Pudibunda rosa, quem te ha maltratado  
Ao sôpro primeiro da vida na flor ?

IV.

Foi seu pai, soube o que fez;  
Foi seu rei, elle o mandou:  
E qual da torrente á força

Haste mimosa dobrou,  
Assim a nobre princeza  
Do pai o qu'rer abraçou.

Naquelles tempos d'outr'ora  
Nunca um rei ouvira — não.  
Mas se a filha lho dissera,  
Triste della ! por que então,  
Não fôra pai, mas tyranno;  
Havião dar-lhe razão !

Era do tempo o desfeito  
Que alguns sob'rinos perdeu,  
Bem dito tudo julgavão  
Bem dito só por ser seu ;  
Era tudo aduladores,  
S'inda os ha ?... não o sei eu.

V.

Déra ao duque de Saboia  
A linda mão de Beatriz.  
Chora a princeza em segredo,  
Chora seu fado infeliz,  
Mas ella adora o poeta,  
Adora só, não o diz,

Foi seu mestre, fez subir-lhe  
Como a delle, a alma aos Céus ;  
Fez pairar-lhe a mente jovem  
Nesses mysterios de Deus:  
Ensinou-lhe a sentir muito,  
A ter sonhos como os seus.

Virgem bella, tu não podes,  
Tu não podes outro amar,  
Quem um amor de poeta  
Pôde entender, e sondar;  
Se o deixa, é a florinha  
A' força d'agua a dobrar.

Se o deixa, é a florinha  
A' força triste colhida,  
Que vai murchar n'um momento,  
Que vai morrer resequida,  
Sem ver aurora fermoza,  
Sem ter um dia de vida.

Beatriz !... duro é teu fado !  
Tua sina vai cumprir :  
Negra senda do destino,

Ninguem te pôde fugir !...  
Princeza, leva o livrinho  
Vai com elle a sós carpir.

« Menina e moça me levão »  
Delle o livro assim lhe diz:  
Que saudades não revela  
Nesse trovar infeliz...  
Que viver peor que a morte  
O fado deixar-lhe quiz ? !



## N'UM ALBUM.

Tu és anjo, mulher ; serás minha ;  
Se és demonio, tambem serás meu :  
Se na vida tu soffres, eu soffro ;  
Se não gostas do mundo, nem eu.

Se do céu é tua alma, qu'importa ?  
Ao céu posso, sem crimes, subir ;  
Se do inferno, por ti criminoso,  
Quero tratos comtigo eurtir.

E' difícil, meu Deus, sobre a terra  
Almas duas iguaes encontrar.  
Uma vez encontradas, por força  
Força occulta as terá de ligar.

Chamma activa d'uns olhos que cegão,  
Como raios do sol a servir,  
Enlouquecem, torturão minha alma:  
Neste estado é possivel viver?...



## **PERGUNTA.**

**Alva estrella de meus sonhos,  
Onde lanças raios teus,  
Onde te libras fermoza,  
Talisman de sonhos meus?**

**E' nesse logar tam bello  
Povoado d'arvoredos,  
Onde a virgem namorada  
Vai derramar seus segredos ?**

Alva estrella, mais fermoza  
Que as finas per'las do mar,  
Sobre o teu lyrio silvestre  
Inda tu podes brilhar ?

Ou vaes inda sobre a encosta  
Furtivos raios mandar,  
Ou sobre o elmo de prata  
Do teu guerreiro pouzar ?

Ou vagas tu solitaria,  
Entre nuvens escondida,  
De teus encantos ciosa  
E da terra aborrecida ?

Alva estrella de meus sonhos,  
Que eu vi da vida na flor ;  
Vives no céu solitaria ?  
Tens na terra algum amor ?.



## AO AUCTOR DA POEZIA QUE SEGUE.

N'um valle formado por serras altivas  
Nascente no mundo, cercado d'amor,  
O sol de Castella pouzou-te na fronte,  
O sol de Castella fadou-te cantor.

Na ria que passa serena e ligeira  
Bilbau a fermosa te vira nadar,  
E a agua tam fresca, tam pura, tão linda,  
No peito não pôde teu sogo abrandar.

Cresceste, e na vida passaste sosinho,  
Sosinho, tam moço, nasceu-te o sofrer;  
Tu foste uma rola no tronco lascado  
Carpindo queixumes, sosinha a gemer.

Amor da tua alma nas faces escripto  
Deixou sofrimento, mas deu-te condão,  
Sentiste, gemeste, ficou-te uma lyra  
Vibrando afinada por teu coração.

Amor deu-te a lyra, tu deste-lhe os cantos;  
Deu-te o sol o estro n'um raio dos seus,  
E' nobre teu peito, é livre tu'alma,  
A lyra é da patria, do amor, e de Deus.

E canta e suspira, não manches teus cantos;  
Poeta, não quebres teu nobre condão,  
O bardo anda acima dos grandes da terra,  
Não cumpre seus fados de rojo no chão.

N'um valle formado por serras altivas  
Nasceste no mundo cercado d'amor,  
O sol de Castella pousou-te na fronte  
O sol de Castella fadou-te cantor.

## **SE CÓRAS, NÃO CONTO.**

Tu queres que eu conte um sonho que eu tive,  
Não sei se acordado, não sei se a dormir ?  
Foi todo singelo, foi todo innocenté,  
Tu córas, sorris-te, tens medo d'ouvir ?

Não córes, escuta, não fujas de mim,  
Que o sonho, foi sonho de casta isenção:  
Já crês ! não duvidas ? Verás como é lindo  
O sonho innocenté do meu coração.

Eu via em teus labios um meigo sorriso,  
Em teus negros olhos um casto mirar,  
Teu seio de neve a arfar docemente,  
Sentia nas faces o teu respirar!...

E tu não fallavas... mas eu entendia;  
E tu não fallavas, mas eu bem ouvi :  
« Amor »—na minh'alma a voz me dizia,  
E um beijo na fronte não sei se o senti !

Já ves que o meu sonho é sonho innocent,  
O resto eu t'o conto,—como has de gostar!  
E' todo singelo, d'amores somente;  
Veras que de ouvi-lo não has de córar.

Depois apertando teu corpo ligeiro,  
Cingindo em teu collo meu braço a tremer,  
Ouvi uma falla, e o que ella dizia,  
Agora acordado, não posso dizer.

Não posso contar-t'a, só pude senti-la;  
Não posso contar-t'a, senão a sonhar,  
No sonho innocent, no sonho d'amores,  
Que tu— duvidoza— julgavas córar.

Não posso contar'ta, nem sei se acordado  
O que ella dizia se pôde entender;  
Eu sei que sonhando, pensei que era sonho,  
E agora, acordado, o não posso esquecer !

Mas tu p'ra que escondes a face corada !  
Não tem nada o sonho que faça corar;  
E' todo singelo, é todo innocent,  
Que vale um abraço, se é dado a sonhar,

Mas tu não te escondas, que eu fico calado;  
Não quero offenderte a casta isenção,  
Não torno a contar-te, depois d'acordado,  
O sonho innocent do meu coração.

RAIMUNDO BULHÃO PATO.



## **MINHA LAURA.**

Minha Laura quem é ? Aqui no mundo  
A Laura que eu sonhei viver não pode.  
Tu és dos sonhos meus a imagem sancta  
Do meu bello ideal; tu és meu anjo,  
Meu guia e meu faról no mar da vida:  
Oh como eu te sonhei !... oh que belleza !  
Que divino condão tinhão teus olhos !...  
Descrever-te quem pôde ? Teus cabellos  
Teu rosto, tuas vestes côn da noite,  
Na terra quem as vio ? Só eu nos sonhos,  
Naquelles sonhos que tu sabes— Laura—  
Sonhos diversos dos meus sonhos de homem !

---

Oh tu não és do céu, nem és da terra;  
Tu vagas neste espaço entre doux mundos,  
Como entre mar e céu sermoza estrella.  
A velar sobre mim com vestes negras.  
Um breve instante só que m'abandonas,  
Nos bachicos festins eu vou sentar-me  
E ao pallido clarão da orgia infrene,  
Sorvendo a taça de infernaes prazeres,  
Desta vida maldicta esqueço as dores.

Não m'abandones, não! — quando perdido  
Em dilirios d'amor na mente acceza  
Da morte, por querer, a torva imagem  
Na mente me roçou com força horrivel,  
Intentando fugir ao mundo, aos homens!.  
O já suspenso ferro m'arrancaste,  
Mostraste-me no céu fagueira esp'rança,  
Teus labios descerrar vi n'um sorrizo;  
Na calma do teu rosto acreditei-te  
Mas espero demais: que importa? Espero.

E tu não m'illudes, eu sei que tu vives,  
Em sonhos eu sinto teu meigo condão:  
Tu és minha crença, espero na vida,  
E a fé e a esp'rança não é illuzão.

Eu sei que tu vives, eu sei que tu sentes,  
Sonhei-te somente: quem és—não sei eu—  
Porém se nos virmos ninguem nos separa,  
Então serás minha, eu heideser teu,



## **ALFINETE PRETO.**

Oh só tu me restas della,  
Vou contigo conversar,  
Alfinete negro— negro—  
Negro como o meu penar!...

Tu lhe pregavas a tella  
No lindo collo fermozo,  
E tu ias cuidadozo  
Seus encantos occultar;  
Encantos que ouzei sonhar,  
E por elles me perdi!...

Oh tu que ousaste mirar  
Daquelle seio o candor,  
Dize, o peito não batia ?  
Que sentimento o movia ?  
Era accazo aquelle amor,  
Que eu sonhei, que me votava,  
E que eu tanto lhe pagava ?

Era, sim, amor tam puro,  
Tam puro qual o sonhei,  
Nascido n'uma alma triste,  
Que pela minha afinei :  
O meu condão sobre a terra,  
O anjo que imaginei,  
Que na vida me guiava,  
E que só em mim pensava.

A minha imaginação,  
A minha só illuzão,  
Era ella.  
O meu negro coração  
Tinha o calór d'um vulcão  
Só por ella !  
E terá;  
Meu sentir não findará;  
Reprimido o guardarei,  
E com elle morrerei,  
Sempre assim !...

E ella foge de mim,  
E deve sempre fugir,  
Pois hade sempre murchar  
Toda a flor em que eu tocar!...

Alfinete negro, sentes ?  
No seu peito tu viveste:  
Ao ver-lhe, o seio tam lindo,  
Desejos tu não tiveste ?

Tu não tinhas uma boca  
P'ra seus encantos beijar,  
Outro peito tu não tinhas  
P'ra com aquelle pulsar.

E só tu me restas della,  
Negro como o meu penar:  
Negro, negro, assim te eu quero,  
Dessa côr eu posso esp'rar.



## **AOS SEUS ANNOS.**

Não houve esta manhã uma florinha  
Que deixasse d'abrir;  
E o mago rouxinol sobre um salgueiro  
Seu canto fez ouvir !

Na violeta gentil eu vi teu gesto;  
E na cecem que abria  
Sobre a haste fermoza e delicada  
Teu rosto descobria.

Assim ha lustros trez apôs trez annos  
Em côro angelical baixaste á terra;  
Assim á luz abriste a vista meiga,  
No teu divino olhar que o fogo encerra.

Assim eu triste no correr da vida  
Senti meu coração p'ra ti voando,  
E d'amor suspirei, porque sentia  
Teu dom celestial em mim vibrando.

Assim no teu natal, pulsando a lyra,  
Duas cordas, quebrei; uma restava !...  
Era a corda do amor, era minh'alma  
Que alegre, e sem eu qu'rer pra ti voava !..



## **TU PARECES.**

*No Album da Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. M. L. G.*

Tu pareces arageni fagueira,  
Derramando seu doce frescor;  
Tu pareces da lyra primeira  
Inspirada harmonia d'amor.

Tu pareces um anjo divino,  
Do porvir descerrando esse véu;  
Tu pareces o fogo que passa  
A meus olhos fitados no céu.

Tu pareces a flor do deserto,  
Quando vives contigo pensando;  
Tu pareces na sala entre o jaspe  
Alva roza entre todas brilhando.

Tu pareces a voz do silencio  
Que s'evac neste espaço perdido;  
Tu pareces o sonho d'um vate  
Que alta noite lh' involve o sentido.

Se em teus olhos de negro tão vivo  
Véu escuro desdobra a tristeza,  
Tu pareces a nuvem passando,  
Encobrindo do sol a belleza.

Oh tu lembras um mundo encoberto,  
Encantado porvir no p'rayzo,  
Se entr'abrindo teus labios fermosos  
Alvas per'las tu mostras n'um rizo.

Tu pareces a ave do bosque,  
O plumozo, inspirado cantor,  
Quando soltas da voz harmonias  
Dessas trovas que fallão d'amor.

E pareces a estrella isolada  
Entre nuvens sozinha a brilhar,  
Onde os olhos de todos se fixão  
Pr'a seus raios de fogo gozar.



## O MEU RAMO.

### I.

Colhi um lirio campestre,  
Juntei-o a uma cecem,  
Entre uma roza silvestre  
Amor do prado tambem;  
Puz-lhe murta em derredor,  
Dei-lhe todo o meu amor.

Era triste, roxo o lyrio  
Qual em prado nunca vi,  
Mais triste do que o martyrio  
Que hei soffrido já por ti,  
Mais triste do que era triste  
Aquelle pranto que viste !...

Qual um rosto de donzella  
Sem vislumbre de tristeza,  
A cecem alegre e bella  
Colhi em toda a pureza;  
Colhi-a de madrugada  
No verde campo isolada.

Por entre silvas sozinha  
Uma roza aberta achei,  
Eu colhi a pobresinha,  
Colhi-a... como? —não sei.  
Não tinha espinhos, colhia,  
Era apenas meio dia.

Entre a cecem, entre a roza  
No meio deixei o amor,  
Mas uma e outra vaidoza  
P'ra si queria toda a flor,  
E o sermozo amor perfeito  
Dobrou a fronte no peito.

—  
Ao luar em noite amena  
De murta um ramo colhido  
Por mim foi, mas tive pena;

Ate por faces sentido  
Vi meu pranto deslizando,  
Qual na praia o mar roçando.

Tive pena, que da murta  
Inda a flor era um botão,  
Sua vida mansa e curta  
Matou-lha meu coração;  
Mesmo assim eu tinha amores  
Neste raminho de flores.

II.

Hoje fui ver o meu ramo,  
Perfeito amor não achei,  
Será verdade ? não amo ?  
Amo... se amo !... eu bem o sei;  
Mas o amor tinha cahido  
D'hastezinha resequido.

Linda cecem tinha-a preza  
Tenuc fio, á haste só  
Do viço, graça e belleza  
Restava seccura, pó !  
Ninguem diria ser ella,  
Tendo-a visto pura e bella.

Do ramo tenho saudade  
Que era um ramo de condão,  
Colhido na soledade  
Com amor do coração:  
Era o ramo da minh'alma,  
Hoje é triste e negra palma.

III.

Em lugar do triste lyrio  
Um amigo qu'ria achar,  
A que o meu longo martirio  
Eu podesse confiar,  
Que o meu sentir entendesse,  
Que minh'alma conhecesse.

Em lugar da flor do prado  
Nivea, fermosa cecem,  
Quizera um anjo fadado  
Pura donzella tambem,  
Que sua alma me mostrasse,  
Seus amores— quando amasse.

Em lugar da branca roza,  
Uma mulher queria ter  
Triste, meiga, desditoza,

A contar-me o seu sofrer,  
A saber o que eu sentia,  
Misteryos que eu lhe diria.

Em lugar d'amor perfeito,  
Uma amizade sem fim,  
Que m'occupasse este peito,  
Que fosse toda para mim,  
Que ha muito tempo sonhando  
Vou na vida procurando.

Em lugar da minha murta  
Que em botão trazia a flor,  
Que em sua vida tam curta  
Perdeu verdura e candor,  
Queria tirar d'entre flores  
Linda flor dos meus amores.

Se o ramo que eu desejava  
Eu não poder recompor,  
Vou sahir da funda cava  
Onde a alma dorme á flor;  
Torno a ser o que eu fui d'antes  
Vou ter sonhos dilirantes.

Já a flor tenho escolhida,  
Perpetua que hade durar,  
Que me mandou nova vida  
Que me fez de novo amar !  
Que ao mesquinho Trovador  
Deu outra, vida, outro amor.

RIO DE JANEIRO.



## OS MEUS DESEJOS.

*No Album de uma Senhora.*

Se eu fôra das noites o astro feromozo,  
Em teu lindo collo quiséra brilhar;  
Teus negros cabellos soltára nos ares,  
Se eu fôra nas praias a briza do mar.

Se eu fôra dos montes o echo sentido,  
Tua falla inspirada quiséra imitar;  
Se eu fôra das aves a ave mais linda,  
No braço de nevc te iria pouzar.

Se eu fôra das flores a tua mais qu'rida,  
De teus meigos olhos quisera um olhar;  
Se eu fôra uma pomba, se rola innocent,  
Teus doces afagos quisera gozar.

Se eu fôra uma trova de verso singelo,  
Por esses teus labios quisera passar;  
Se eu fôra uma lyra de cordas douradas,  
Sentir eu quisera tua mão dedilhar.

Mas eu não sou astro, nem lyra, nem echo,  
Nem ave, nem trova, nem briza do mar,  
Sou homem que sinto, que soffro, que gemo,  
Que o ver-te na terra me pode matar.



## **A' MORTE.**

Vem, oh morte, vem tu, oh vem salvar-me,  
Alonga os passos teus;  
Vem d'um golpe findar meus sofrimentos:  
São negres e só meus!...

Com a destra mirrada... vem tirar-me  
Do ermo em que nasci;  
Onde só uma flor, pallida e triste  
Nasceu, brotou p'ra mi !

Não a pude colher; nem vê-la é dado  
Ao pobre trovador;  
No mundo requeimou no viço ainda  
Bulcão destruidor!...

Viverei sem a ver, e sem ao menos  
Gozar essa ventura,  
De mirar sobre o campo entre as mais flores  
Das flores a mais pura !

—  
Vem, oh morte, da terra onde vivo  
Com teus cantos finaes arrancar-me;  
Desta vida que eu vivo tam triste  
Vem, oh morte, vem tu libertar-me.

Mas se a flor que eu amei sobre a terra  
Fór na campa do triste brotar,  
Eu virei um só beijo gelado  
Sobre as folhas escuras deixar;

Eu virei com meus prantos da terra  
A florinha da campa regar,  
Era tudo que eu tinha no mundo  
Que na louza não pode acabar.

## O MEU SEGREDO.

Ninguem sabe por hi pela terra  
Um segredo que eu tenho guardado:  
O sentir de minha alma é mysterio,  
Que no mundo não hei revelado.

Em meus sonhos, em nuvem doirada  
Doce esp'rança lá vejo brilhar,  
Mas se vélo, eil-a vem trovejada.  
Os meus sonhos felizes matar.

De minh'alma saudoza aos suspiros  
Outra alma afinada eu sonhei,  
Na soidão, entre rochas bravias,  
Minha lyra sentida pulsei.

Enganei-me, illuzões uma a uma,  
Perdi todas ! que importa bradar  
Neste ermo sem fim que é a vida  
Onde esta alma não pode habitar ?.



## A MINHA VIAGEM.

### I.

Vai a um largo a todo o panno  
Minha galera veloz,  
Ferve o mar no vasto oceano  
Com seu rugido feroz:  
A vaga altiva s'eleva,  
E em álva espuma que cega  
Muda a côr de puro azul ;  
Com furia as ondas cortando,  
Vai rangendo e oscillando  
Popa ao norte, a proa ao sul.

II

Amenos vergeis fermosos  
Que á vista vejo fugir,  
Verdes montes alterosos  
Que inda posso distinguir:  
São da terra as minhas flores,  
São saudades, são amores  
Como eu ainda não senti,  
Saudades da mãe chorosa,  
Da triste espozâ saudoza  
E da terra onde nasci.

III.

Terra minha, és uma sombra  
Ou negra nuvem do céo ?  
Tua vista não m'assombra,  
Quem t'occulta em denso veo ?  
Onde os montes elevados,  
Onde os teus templos dourados ?  
Onde as fontes de christal ?  
Onde os velhos arvoredos,  
Onde de Cintra os rechedos?  
Tu és nuvem Portugal ?

IV.

Patria minha, és envolvida  
Das sombras entre o negror,  
Nem uma nuvem perdida  
Resta de teu explendor;  
Que leguas correu usano  
Sobre este deserto oceano  
Fermoso veloz « Rubim, »  
Das ondas zombou da guerra:  
E longe da minha terra,  
Deu-me o céu, e o mar sem fim.

V.

Mar em serras elevado,  
Eu tenho por terra aqui ;  
Um denso manto estrellado,  
Tenho á noite sobre mi,  
Vem as ondas embalar-me,  
Vem a lua acompanhar-me  
Com moribundo fulgor;  
E são cantos feiticeiros  
As vozes dos marinheiros  
Ao errante trovador.

VI.

Aqui em lugar de lyra  
P'ra trovas minhas cantar,  
Tenho a briza que suspira,  
Tenho os rugidos do mar;  
Em lugar de canções ternas,  
Tenho o ranger das cavernas,  
Tenho a voz do furacão,  
Tenho os raios a cruzar-se,  
Tenho o mar a revoltar-se,  
Tenho ronco do trovão.

VII.

Lindo barco, tu me levas  
Por onde eu nunca passei;  
Tu corres, vôas que cegas,  
Mas para onde ? Não sei !  
A um bordo Porto Santo  
Involvido em negro manto  
A minha vista fugiu,  
Ao outro a ilha de Palma,  
Da terra saudades d'alma  
Na minha alma imprimiu.

VIII.

Deixei Cabo Verde a leste  
E nem o pude avistar,  
Senti correr o nordeste  
Pelas campinas do ar.  
Muda então alli o vento  
Assopra o bulcão violento.  
O céo negro faz tremer,  
Veloz galera s'alaga,  
E paira sobre uma vaga  
Pra com outra arremetter.

IX.

Vai de montanha em montanha,  
Arde o fogo entre o negror,  
Quebra a vaga a dura sanha,  
Scintilla tudo em redor,  
Ora sóbe o duro lenho,  
Ora se dobra ferrenho,  
Te onde a vaga cavou;  
Cresce o vento o mar resoa,  
Furiosa ruge a Leoa  
Que o triste Camões cantou.

X.

Minha galera fermoza  
Quem te faz hoje deter ?  
Por que paras, preguiçosa ?  
Preguiçosa de correr ?...  
Inda ha pouco a uma e uma,  
As ondas todas espuma,  
Te insultavão mil e mil.  
Agora páras ?.. Que vejo !  
Não é a briza um bafejo ?  
O mar um lago d'anil?... .

XI.

Pára;.. que o sol que te cobre,  
Queimando as aguas aqui,  
Tostou muita fronte nobre  
Naquelles torrōcs d'allí.  
Pára... que estrada é do Gama,  
Pára, sim, lembra-me a fama  
Do que por mares se fez.  
Pára!... que longe da Europa  
Usano levas na popa  
O pavilhão portuguez.

XII.

Mas já do norte o Luzeiro  
Perdeu-se em campos d'azul,  
E de fogos um cruzeiro  
Brilhou em frente no Sul.  
Já sobre o eixo do mundo,  
Por ondas do mar profundo,  
Galera, vi-te passar ;  
Vi o sol postado a meio  
Mirar-te de fogo cheio  
E tu fugir-lhe no mar.

XIII.

Onde me levas galera  
Onde me levas « Rubim ?»  
Tu ruges como uma féra,  
Tu corres no mar sem sim,  
Mostra-me ao menos de terra  
A ponta d'alguma serra,  
Uma pedrinha se quer,  
Além do mar a cercar-me.  
Deste céo acoberta-me  
Terra , terra... eu quero ver.

XIV.

Que é isto ? Que luz fermosa  
Ao longe vejo brilhar ?  
Perla de fogo orgulhosa  
Roçando a face do mar.  
Luz que desinha, fenece,  
Depois risonha apparece,  
Sirvindo ao nauta de sol !  
Oh ! alegra-te minha alma  
Que a luz que brilha na calma  
E' da America um pharol.

XV.

Oh ! que é — á luz da estrella  
Que me trouxe um novo dia,  
Eu vi o fogo daquella  
Sobre activa penedia:  
Depois á luz duvidosa  
Da madrugada chorosa,  
Vi penedos a surgir,  
Quando o Céo de varias còres  
Ensina, revela amores,  
A quem os sabe sentir.

XVI.

Que solo é este tão lindo  
Das aguas nascido aqui ?  
Que prazer é este infindo  
Que eu sinto dentro de mim ?  
Que vejo na praia nua  
D'alvo corpo que fluctua  
Do sol ao primo clarão ?  
Templo santo á flor das aguas,  
Postado ao lume das fragoas,  
Dos crentes consolaçāo.

XVII.

Altiva rocha empinada  
Tu és bella sobre o mar,  
Qual sentinella avançada  
Teu lindo solo a guardar.  
Tua cup'la é de granito,  
Tua figura no Egypto,  
Campea no vasto areal,  
E's rainha, e tens a c'ra  
Quando a nevōa s'amontoa  
Em tua fronte real.

XVIII.

Este mar é lago manso,  
Tem d'anil um puro azul,  
Tem um sentido remanço  
Como as aguas d'un paúl;  
Este solo é brasileiro,  
E' christão e hospitaleiro  
Todo paz, e todo amor :  
E' o infante crescendo,  
No mundo desenvolvendo  
Seu poder, e seu vigor.

XIX.

Nesta terra, qual na minha,  
Tambem geme a viração ;  
Tambem suspira a fontinha  
Suspiros do coração ;  
Tambem se divisa a selva  
Coberta de verde relva,  
Tambem a noite tem véo,  
Tambem o sol tem fulgores,  
A lua, encantos, amores,  
Lindas estrellas o Céo.

A falla que aqui se falla  
Da minha terra é tambem,  
Belleza, verdura, e galla  
A natureza aqui tem;  
Tambem donzellas fermosas  
Toucadas de brancas rosas,  
Podem bardos inspirar;  
Por isso a mágoa profunda  
Em que o peito meu abunda  
Hei de em cantos mitigar,

RIO DE JANEIRO.



## O CANTO DO PESCADOR.

Em minha barca ligeira  
Por ondas mansas d'anil  
Vida levo aventureira,  
Pobre, liberta, gentil;  
Sou pescador destes mares,  
E em trovas singulares  
Deixo ás ondas meus pezares,  
Soltando suspiros mil.

Se á feição me sopra o vento,  
A minha barca a saltar  
Zomba do noto violento,  
Qual gazella, sobre o mar.  
Minha barca é elegante,  
Minha patria e minha amante;  
Nenhuma lhe passa avante,  
Que é mais leve do que o ar.

Com rijo vento a bolina  
Ruge d'agoa no fragor,  
Dobra a cinta purpurina,  
Quebra-se o mar ao redor.  
Se o vento sopra ponteiro,  
Entre todas vae primeiro,  
Qual o golfinho ligeiro  
Das vagas saltando á flor.

Não quero viver na terra,  
Não quero, que me faz mal....  
Vermelha porta da serra  
Foste o meu berço natal:  
Naquellas altivas penhas  
Senti fogo nas entranhas  
E ao vento das montanhas,  
Voei ao mundo ideal !

Divaguei, corri sem tento  
Por essa terra a passar,  
E hoje cazo um lamento  
Com os gemidos do mar:  
Se altiva, dura, violenta  
Ruge no mar a tormenta,  
Tem um som que m' acalenta  
Em meu doce repouzar !

Quando em caxão alva espuma  
Nos mares sinto a ferver,  
E a vaga uma por uma  
Vem meu lenho arremetter,  
Socegado e descantando  
Vou meu leme governando,  
No meu caximbo sumando;  
Não m' importa de morrer

Lá no céo p'ra mim fulgura  
Estrella d'argentea côr.  
Estrella toda ternura,  
Estrella toda d'amor !...  
Anjo que o mundo largaste  
Que na terra me guiaste,  
E que ainda não deixaste  
De sorrir ao pescador !

Olhei na terra um só dia  
P'ra seus encantos olhar,  
Senti só uma harmonia  
Foi o som do seu fallar:  
Foi um dia todo flores,  
Prisma de languidas côres,  
Um novo mundo d'amores  
N'uma hora de gozar !

Seus olhos onde a tristeza  
Erguera um throno d'amor  
Em sua negra belleza,  
Em seu encantado ardor,  
Inda me guião nos mares,  
Inda me trazem pezares;  
Brilhão nos ternos cantares  
Dos cantos do pescador,

Não quero viver na terra;  
Como a deixei inda é.  
Dos elementos na guerra  
Tenho mais crença e mais fé;  
Saudades tenho guardadas,  
Comprimidas, sepultadas,  
Que hão de aqui morrer caladas  
Do mar correndo á mercê.

II.

Quando pelo mez d' Abril  
Sobre o céo todo d'anil  
Entre fogos mil e mil,  
A lua corre brilhando;  
Quando a briza doce e bella  
Como alento de donzella  
Nos rizes da minha vella  
Rumoreja suspirando.

Quando o mar todo de prata  
Que manso tudo retrata,  
Que em vagas não se desata,  
Liso sermoso a brilhar;  
O lindo anjo que eu vi  
Que adorei, que tenho aqui,  
Eu quisera ao pé de mi,  
Ma mansidão deste mar!...

Então olhando em redor,  
D'agoa vendo a liza flor,  
Na barca do pescador  
Vejo as redes descançar;

Os aparelhos molhados,  
Os barretes encarnados,  
Os rostos do sol tostados  
Dos companheiros do mar !...

Em minha barca ligeira  
Por ondas mansas d'anil,  
Vida levo aventureira  
Pobre, liberta, gentil;  
Sou pescador nestes mares  
E em trovas singulares  
Deixo ás ondas meus pezares,  
Soltando suspiros mil.



## N'UM ALBUM.

Se eu t'amara,  
Confessára  
Meu amor ;  
Nem te eu amo,  
Nem m'inflamo  
Nesse ardor.

Amisade é fogo nascido nos céos.  
E um raio, só della meu peito illumina,  
Sentir que não morre, nem cresce, nem mata  
Só tu m'inspiras-te que és alma divina.

Se eu t'amara,  
Confessára  
Meu amor;  
Nem eu te amo,  
Nem m'inflamo  
Nesse ardor.

Pediste-me trovas, e trovas sentidas.  
Em teu livro d'ouro não pude escrever;  
Segui meus irmãos, parti-me ao combate  
Foi meu pensamento com elles morrer.

Se eu t'amara,  
Confessára  
Meu amor;  
Nem te eu amo,  
Nem m'inflamo  
Nesse ardor.

Se um dia na guerra por entre bombardas,  
Donzella fermosa, de ti me lembrei,  
Lembrei-me que em folhas do teu aureo livro  
Um canto inocente pra ti não deixei.

**S**e eu t'amara,  
Confessára  
Meu amor;  
Nem te eu amo,  
Nem m'infamo  
Nesse ardor.

**E**u sei que de maio no dia primeiro,  
**A** teus meigos olhos um pranto assomou;  
**E**u sei que lembrada do pobre proscripto  
**Tua alma em torturas soffreu, suspirou !**

**S**e eu t'amara,  
Confessára  
Meu amor;  
Nem te eu amo,  
Nem m'infamo  
Nesse ardor,

**E**u vi-te menina qual roza nascente  
Surgindo do tronco, fermoza em botão  
**E**u vi-te depois na vida innocenté  
Dizer ao teu corpo: — crescei coração !

Se eu t'amara,  
Confessára  
Meu amor;  
Nem te eu amo,  
Nem m'inflamo  
Nesse ardor.

Eu sei que em tua alma nascerão suspiros,  
Eu sei que tu sentes, que podes amar:  
Eu vi os teus olhos incertos vagando,  
Do baile entre todos um só procurar !

Se eu t'amara,  
Confessára  
Meu amor;  
Nem eu te amo,  
Nem m'inflamo  
Nesse ardor.

Eu tenho um desejo ardente, guardado  
Bem fundo, bem fundo, no meu coração:  
—Que encontres no mundo um ente inspirado,  
Que entenda dessa alma a virgem paixão.

**Se eu t'amara  
Confessára  
Meu amor;  
Nem te eu amo,  
Nem m'inflamo  
Nesse ardor.**

**Se uma alma não achas que a tua compr'henda,  
Vae antes em nuvens sosinha para Deus; —  
Eu quero que tenhas na terra e na vida  
A vida, os encantos que morão nos céus.**

**Se eu t'amara,  
Confessára  
Meu amor;  
Nem te eu amo,  
Nem m'inflamo  
Nesse ardor.**



## A' SOMBRA DA MANGUEIRA.

Como é linda esta mangueira,  
Feiticeira,  
Entre o verdor a brotar !  
Mas que vejo ?... socegada,  
Descuidada,  
Ella é ? 'stou a sonhar ?

Ella é !.. O lindo rosto  
Dorme posto  
Na mão toda de marfim !  
Verde alcatifa de flores  
Traja as cores,  
Do topazio e do rubim.

Seus olhos ?.. — estão fechados  
Socegados,  
As pestanas juntas são,  
Os cabellos mui compridos  
Repartidos  
A vontade, cahir vão !

Os seus labios de coraes,  
Ideaes,  
Perlas finas deixão ver,  
Por onde um doce bafejo  
Como um beijo,  
Embalsama e faz arder.

No seu peito como a lua,  
Que fluctua,  
Compassada ondulação !..  
Da briza os doces frescores  
Vão das flores  
Passar por seu coração.

De cabaia o seu vestido,  
Comprimido,  
Em pregas vae descançar

Na cintura delicada  
Mais delgada  
Que se pôde imaginar !...

Mas que vejo ? louco intento !  
Veio o vento !...  
Que louco o vento não é ?  
Não s'assustem... não vi nada ;  
Mas de fada  
Oh ! meu Deos, que lindo pé.



## **A MINHA MUZA.**

No tempo passado  
D'amores cançado,  
Dormia a seu lado,  
Dormia a sonhar !  
Ao romper do dia,  
Ao sol que s'erguia,  
Sentada eu a via  
Na beira do mar. !

Do Tejo nas agoas  
Junto d'umas fragoas,  
Alivio de magoas  
Procurava então;  
E via o seu rosto  
Divino, composto,  
N'um rizo de gosto  
Tornar-me em vulcão.

O meu pensamento  
Ao seu aposento  
Levou-me sem tento,  
Entrei p'ra sentir:  
E vi da janellas  
As sedas mais bellas  
Cahirem singelas  
Em ouro d'ophir.

Eu vi enlaçadas  
Flores variadas  
Misturar casadas  
Um magico odor;  
Seu divam nevado  
D'argenteo brocado  
Julguei reservado  
Pra sonhos d'amor !

Depois eu fugia,  
A voz lhe entendia,  
Seus passos lhe ouvia,  
N'um sonho sem fim.  
Pura imagem della,  
Fermosa e singela,  
Vestida de tella  
De branco setim;

Por cum'lo d'anhelos  
Seus longos cabellos  
Da côr dos meus zelos  
Eu pude affagar;  
Se a vista alongava,  
A chamma encontrava  
Dos olhos qne amava  
N'um languido olhar.

Oh ! muza, ao teu seio  
Não tive receio,  
No mais doce enleio  
Cheguei-me, e senti;  
Teus doces arpejos  
Paguei-tos com beijos,  
Fartei meus desejos,  
Sonhei, e vivi,

Vivia sonhando!  
Agora acordando,  
O mundo encontrando,  
Não posso viver:  
Nem prazer, nem ira  
Já nada m'inspira,  
Gelou-se-me a lyra:  
Eu quero morrer.



## **NATUS EST JESUS.**

**Profetas.... Porque ? porque esses olhos  
Fixados nos céus ? porque os joelhos  
Curvados hi no chão ? Porque dos labios  
Rebentão orações nascidas d'alma ?**

**Pr'o mundo nascerá risonha aurora ?  
Algum sol redemptor tem d'asfagar-nos ?  
Luzeiro precursor de novas eras  
Vem no mundo brilhar, dar-lhe outra vida ?...**

Muitos seculos lá vão; no pó dormidas  
Ninive e Babilonia se revolvem:  
A Fenicia cahiu — Cartago é morta,  
O Egypto expirou !... Servos, senhores,—  
O mais forte a reinar, de rojo o fraco,  
As raças contra as raças combatendo !....

Aonde os reinos vossos, reis da terra ?  
Onde o vosso poder ?. No Céu brilhando  
Essa luz mais ferroza do que as luzes,  
Estrella de Jacob — aurora santa  
Chamma da redempçao, nuncia de vida,  
Vosso poder quebrou, a alçada, os thronos.

Librada vai nos céus a linda estrella:  
Nobres, escravos, reis, o mundo todo  
Vão de rojo adorar o fogo santo,  
Que em esmalte d'azul passa nos ares.

Nasceu o redemptor !... De Deus o filho !..  
Por toda a parte um grito se prolonga  
D'alegria e d'amor !.. A terra treme,  
E ante o berço do Infante o Céu se curva !...

O Missias nasceu !.. Vai d'echo em echo  
Esta nova correr milhões de mundos !..  
Jesus Christo nasceu na terra de homens,  
Da virgem da Judéa entre mysterios,  
Pobre, triste, obscuro, em erma gruta  
Da sermoza Bethlem !.. E' Deus ! O eterno !  
E' o filho de Deus !.. Alma de tudó,  
Senhor da terra e Céu ! e um Deus somente !...

São-lhe palhas o berço em pobre alvergue,  
Animaes sem razão a corte sua,  
Em completa nudez abre os olhinhos  
Ao mundo que mirou, para vir salva-l'o.

Que mysterio este é ? O Rei de tudo,  
O que manda nos Ceus, que fez surgil-os,  
Que antes de tudo foi, — que será sempre,  
Que os mares prolongou,—que fez a terra,  
Que a um aceno seu, sepalta Imperios!  
Que mysterio este é ?... Debil, humilde,  
Na gruta de Bethlem !...

Em torno á fronte  
Aureola de luz de chamma vívida  
O Deus nascido ha pouco enche de brilho.

Pastores e aldeãs trazem-lhe offertas,  
Cordeirinhos nevados, mel e flores.  
Amor... adorações !... Moços e velhos  
Pressurosos, correndo vem curvar-se  
Ao Senhor, a Jesus, com crença d'alma.  
Os magos vem queimar-lhe incenso e mirrra,  
Votar-lhe adorações, cantar-lhe hosanna.

Nasceu o Redemptor !! Quando no mundo  
O crime campeava envolto em ouro;  
Nasceu o Redemptor ! quando a Rainha  
Senhora das nações, altiva Roma,  
Em sangue e maldições baixava infensa  
De sua campa de morte á porta funebre.

Pregador d'outra lei, aos séculos novos  
De liberdade e amor os döns ensina;  
Nova luz fez brilhar nas densas trevas,  
Os homens elevou ao nível de homens,  
Nas almas lhes lançou amor e crença.

Nasceu o Redemptor !... Foi sobre a terra,  
A morrer de secura, a abrir-se toda,  
O precioso orvalho de uma nuvem

O ermo a refrescar !... Foi luz sermoza,  
O arrebol da manhã depois das trevas.

Nasceu o Redemptor !... Da natureza  
Poderoso Senhor, grande entre os grandes,  
Chora debil menino em pobre alvergue !...  
Como arvore gentil sombrêa o tronco,  
A virgem da Judéa se debruça;  
Os olhos fixos tem no lindo infante,  
No berço se reclina, e n'um sorriso,  
Todo ternura e amor, todo celeste,  
Dá graças ao seu Deus, feliz se julga.  
E os labios entre-abrindo qual nos campos  
Virginea, tenra flor abrindo, á aurora,  
Junta o tenro menino ao puro collo,  
Dá-lhe beijos d'amor, chama-lhe filho.

Após quarenta seculos passados,  
Mais dezoito lá vão, mais quarenta annos,  
E mais doze tambem ! Oh Deus eterno,  
Tornai de novo ao mnndo, que esquecerão  
As tuas leis d'amor, os teus preceitos !...  
Em tempos que lá vão, dormindo a crença,  
Com sangue de teus filhos salpicárão  
O teu manto de luz, derão-te incensos,  
Apostolos falsos teus com fumo d'osso\$

Dos homens tão irmãos, a que ordenaste  
Amor e só amor !.. Forão teus hymnos  
Gemidos em torturas consagrados,  
Blasfemias contra ti ?... Oh torna ao mundo,  
Que a nova geração que o mundo habita  
Nem mesmo a deixão crer !

Curvai-vos todos !

Orai, pedi perdão dos crimes vossos;  
O Redemptor nasceu no pobre alvergue  
Da sermosa Bethlem ! — o Deus eterno,  
Filho do mesmo Deus, alma de tudo,  
Senhor da terra e Céus, e um Deus somente !...

RIO DE JANEIRO, 25 de dezembro.



## **PORTUGAL.**

Minha patria, não morreste.  
Tu dormes p'ra descançar;  
Essa luz que ao mundo déste,  
Hade de nova brilhar.  
As nações tem noite e dia,  
O mesmo sol te alumia,  
Tens d'um Deus a sympathia  
Que por esméro te fez;  
De tuas passadas glorias  
Conta-me o Douro as memorias,  
Conta-me o Sado as victorias  
Do meu solo Portuguez.

Bemfadou-te a natureza,  
Oh terra de Portugal,  
Ninguem t'excede em belleza,  
Na Europa não tens rival:  
Teus brios, tuas façanhas  
Trouxerão raças estranhas  
Pelos vales e montanhas  
Do nosso pingue torrão;  
Teus filhos forão temidos,  
Forão de Deus os mais qu'ridos,  
A um e um escolhidos  
P'ra aquelle solo christão.

Gigante, no duro peito  
Mil nações siseste erguer;  
Teu braço forte era feito  
P'ra outros mundos suster:  
No oceano debruçado  
Teu braço virão alçado  
Correr livre e descançado  
O pano ao mundo do sol;  
Virão-te a lucida fronte  
Como de chammas um monte  
Brilhar por todo o horizonte  
Qual um immenso farol.

Do Mondego as agoas puras,  
Murmurando mansamente,  
Contão-me nossas venturas  
Havidas sobre o crescente:  
Ainda ha pouco o meu Tejo  
Chorou comigo,— e com pêjo  
Me revelou seu desejo.  
A's perguntas que lhe fiz;  
E de meus prantos cançado  
Pareceu-me ter soltado  
D'outros tempos recordado  
Um nome— Martim Moniz! —

Inda ha pouco o vasto oceano  
Onde meus prantos verti.  
Altivo, raivoso, ufano.  
Não foi sonho!... Eu bem ouvi!  
Murmurou dos eavos fundos  
Inda uns hymnos moribundos,  
Aquem juntou novos mundos  
A' minha terra natal;  
Ouvi nome do— Gama,  
Do vate que mais m'inflama,  
Ardeu-me no peito a chamma  
D'un filho de Portugal!

Erguer-te, oh patria, não ouzas !  
Que importa, patria gentil ?...  
Dize, oh Tigre, não repouzas  
A's vezes no teu covil ?...  
Inda ha pouco escarnecidá,  
Oh minha terra tão qu'rida,  
Os dias da tua vida  
Quiserão-te alli marcar !  
Mas se um brado não soltaste,  
Dos estranhos tu mosaste !  
S'os ferreos braços cruzaste,  
Cruzaste-os p'ra te vingar.

Que te importão dos Inglezes  
Altivas fortes armadas ?  
Nos annaes dos Portuguezes  
Estão as glorias marcadas:  
As mais fermozaas donzelas,  
D'Albion as filhas bellas,  
Homens não tinhão p'ra ellás,  
Que os Inglezes não no sâo ;  
Minha patria procurárão  
E Portuguezes achárão,  
Que as duras lanças cruzarão  
Deixando as outras no chão.

Oh cidade dos thesouros,  
Da Lusitania que queres ?  
Onde estão teus verdes louros,  
Se abandonas as mulheres ?  
Se tuas filhas fermozas  
De seus irmãos vergonhozas  
Croárão de louro e rozas  
A fronte de Portuguez;  
E' que o seu peito mais duro  
Batia no aço puro  
Como a bala sobre o muro,  
Como alsange em fino arnez !

Dize, oh França, que venceste  
Dos povos no coração,  
Dize, oh mundo, que tremeste  
Ao nome— Napoleão —  
Que valerão altivezas  
Das tuas aguias francezas  
Contra as quinas portuguezas  
Da minha terra natal?  
Em Marengo combateste,  
Em Austerlitz tu venceste,  
Em Waterloo tu morreste,  
Recuaste em Portugal !

Castelhannos, oh que um rizo  
Vem sem querer dos labios meus,  
Raça nova eu te diviso  
Até com pejo dos teus;  
Na batalha do Sallado  
O teu Rei veio prostrado,  
Dos Mouros amedrontado,  
Pedir força ao Luzo Rei :  
Os Mouros forão vencidos  
Pelos Luzos aguerridos,  
Que hoje de braços prendidos  
Té Castella lhes dá lei !...

Castella talvez fugisse  
Ainda aos confins do mundo,  
Se nos seus campos s'ouvisse  
O brado de João segundo !...  
Que t'importa a desventura ?  
Portugal... sina futura  
Promette ainda ventura  
Ao nosso solo christão:  
Embora deixem primeiro  
Sem auxilio d'estrangeiro  
O combate derradeiro  
Do leão contra o leão.

Minha patria, não morreste,  
Tu dormes p'ra descançar:  
Essa luz que ao mundo deste  
Hade de novo brilhar.  
As nações tem noite e dia,  
O mesmo sol te alumia,  
Tens d'um Deus a sympathia  
Que por esmero te fez.  
De tuas passadas glorias  
Conta-me o Douro as memorias  
Conta-me o Sado as victorias  
Do meu solo Portuguez.



## **JA' PASSOU.**

**Minha vida, que tens sido ?  
Delirio ardente sem fim,  
Todo o sentir que hei nutrido  
Matou-me no mundo ?... a mim ?  
Ativo, forte, e violento  
Em minha alma o sentimento  
Singasta por meu tormento.  
Como na prata o rubim.**

E não morri !... minha qu'rida  
Tanta vida tenho eu !  
Q'inda metade da vida  
Eu déra por um beijo teu:  
Em teus braços enlaçado  
Quando d'amores cançado  
Eu dormia socegado  
O mundo julgava meu !

O mundo ?.. que tem o mundo  
Que não ceda ao teu olhar,  
Quando o desejo profundo  
Nos olhos te vae pouzar.  
Quando em terna languidez  
Rozea côn na linda tez  
O teu amante revèz,  
Oh como sabes matar !

Não te lembras ? esquecido  
Ha tanto tempo por ti,  
Que vida tenho vivido,  
Que vida triste para mi !  
Não te lembras desses mares,  
Daquelles ternos cantares,  
Quando d'alma os meus pezares  
Te mostrei, quando te vi ?...

Oh lembra ! lembra-te agora  
Dessa noite do luar:  
Já tinha dado uma hora,  
E tu na praia a pensar.  
Depois ondas que gemião  
Roçar de labios ouvião,  
E dous peitos que batião  
Nas praias — ao som do mar.

Ao som das vagas é bello,  
Bello da lua ao clarão,  
Apertar d'amor o elo  
A's fibras do coração:  
Quisera deixar o mundo  
Naquelle prazer profundo,  
Que sahia suribundo,  
Como a lava do vulcão.

Não te lembra ? Em noite escura  
Daquella ave opiar;  
O mate foi da ventura,  
Foi o prazer a finar:  
Mas ainda nos teus braços  
Passei os curtos espaços:  
Sahi com tremulos passos  
P'ra nunca mais te mirar.



, 2 2







J. 2.



185

157

, 30



, 32

D'improviso no aposento  
Entra Manos anciozo;  
Leva Stella n'um momento,  
Une-lhe o peito fermozo  
Ao delle d'amor sedento.

Por labaredas correndo,  
Sorvia seu respirar;  
Mais que o fogo vive ardendo,  
Quer elle Stella salvar,  
A vida depois perdendo!..

Deitou-a no seu jardim  
Em folhas, e muita flor;  
Acordou Stella assim,  
Olhou o seu roubador  
Co'a face toda carmin.

Ao corpo delle apertou  
O lindo corpo de Stella,  
Seu olhar lhe devorou:  
Foi o primeiro olhar della,  
Que, salvando-a, lhe roubou.

IV.

E' D. Manos accuzado  
Por D. Affonso y Salygos,  
Seu rival, de ter deitado  
Fogo á noite nos postigos  
Do castello já queimado.

E' D. Manos conduzido  
Aos juizes sem detença:  
Marcha firme, e destemido,  
Na sua firme presença  
Não tem o crime esculpido.

V.

JUIZ.

— E' tua a scena de horror ?  
— D. Manos, lanças-te o fogo ?

D. MANOS.

« Sim, fui eu; por meu amor  
« Nenhuma graça te rego,  
« Não quero de ti favor!..

« Por entre as chaminás correndo  
« Eu pude Stella abraçar,  
« Fui-lhe o alento sorvendo,  
« Gozei seu primeiro olhar;  
« Que eu tambem estava ardendo.

« Em seus olhos o céo vi  
« Ante meus olhos patente;  
« O coração lhe senti:  
« Eu só fui o delinquente,  
« Vou morrer, porém venci!



## MARIPOZA.

Oh linda maripoza de mil còres,  
Não cessas de voar!  
Tu és bella, és do céu; vives em flores,  
Em todas a pouzar.

¿ Quem tão linda assim te fez,  
Oh quem em ti se esmerou,  
Quem te deu tantos encantos,  
Quem tão varia te formou ?

E's fada, o teu condão deu-me tormentos;  
E's linda, triste sorte me deu ver-te  
E's da lyra choroza os sós lamentos,  
Suspiros tão sentidos de perder-te  
Encerrão só para mim os passatempos.

Eu vi-te voando,  
Eu vi-te adejar,  
Eu vi-te pouzando,  
Na flor mais mimoza;  
Tu éras fermoza,  
Linda de matar!...

Tuas azas adejantes  
Tem todo o esmalte da terra,  
Os teus vôos incessantes  
Varios são, como na serra  
Os arbustos vicejantes.

Tens, oh tens tantos encantos.  
Quantas bellezas encerras,  
E vagão por entre flores  
Entre os arbustos das serras  
Tuas azas de mil côres.

Esta linda maripoza  
Voando de flor em flor,  
Perdôa!... posso dizer-to:  
E's tu só meu lindo amor.



## A SENHORA E O PAGEM.

### SENHORA.

« Por que triste assim te vejo ?  
« Por que mudas tu de côn ?  
« Por que te fóge das faces  
« O teu antigo rubor ?  
« Porque teus olhos parados  
« Já me não fallão de amor ?

### PAGEM.

— Já não ! fallão São teus olhos  
— Que não querem comprehendêr;  
— Já não fallão ! E' tua alma  
— Que me não sabe entender;  
— Se perdi a côn das faces,  
— O ciume a fez perder.

SENHORA.

« Ciume !... Quando fermoza  
« Eu corria sobre flores  
« Nas danças não me cercavão  
« Um milhão de adoradores;  
« Não larguei o mundo todo  
« Em troco dos teus amores ?

PAGEM.

— Aborreço os olhos todos  
— Que ouzão teu rosto mirar,  
— Aborreço árajem mansa  
— Que as faces te vai beijar:  
— E' loucura ter ciumes,  
— Mas estes são de matar.

SENHORA.

« Por que choras, bello pagem,  
« A meus joelhos prostrado,  
« Só tem poder em meu peito  
« O teu olhar namorado;  
« Tu és bello, os Reis do mundo  
« São vassallos a teu lado.

PAGEM.

— Por outros labios passando,  
— Não posso teu nome ouvir;  
— De tudo tenho ciumes,  
— Quando te vejo sorrir,  
— Tenho ciumes das flores;  
— Que a teus pés eu vejo abrir.

SENHORA.

“ Descança tu, bello pagem,  
“ Meu amor é todo teu,  
“ Escolhido d'entre todos  
“ Por mim foste, tu és meu;  
“ S'inda tenho adoradores,  
“ Por vassallos dou-t'os eu.

“ Deixa á sombra do loureiro  
“ Crescer a gramma do val;  
“ Não vês a lua entre estrellas  
“ A lua sem ter rival ?  
“ De que vale ao pé do Oceano  
“ Um regato de cristal ?

“ Quando te aperto nos braços,  
“ Quando te uno ao peito meu,  
“ Quando juntos nossos labios  
“ Sensações gozão do céu,  
“ Que t'importa que me adorem  
“ Se ha triunpho!... é todo teu

PAGEM.

— Tu és bella, eu sou zelozo,  
— Louco, ardente, o meu amor;  
— E' sentir de peito virgem,  
— Que vem dos labios á flor;  
— E' sentir por Deus formado  
— P'ra alma do trovador!...

— Não me lances esses olhos  
— Qu'eu já não posso soffrer,  
— Tenho medo de mim mesmo  
— D'um amor como eu sei ter;  
— Ha no mundo mil tormentos  
— Por uma hora de prazer.

SENHORA.

“ Na solidão de tua alma  
“ Deixa-me ser invejada;  
“ E's meu Rei, sou tua escrava,

“ Tu me chamas tua fada ;  
“ Sou mulher!.. Tenho fraquezas,  
“ Gosto de ser adorada,

“ Por que tornas, bello pagem,  
“ A meus pés te vir prostrar ?  
“ Uns olhos que p'ra meus quero  
“ Não são feitos p'ra chorar ;  
“ Eu te adoro a ti sómente,  
“ Dou o que tenho de dar.

PAGEM.

— Se eu fôra sobre o dezerto  
— A solitaria palmeira,  
— Tu florinha que brotasses  
— A meus pés, ledia, fagueira,  
— E eu vergando meus troncos  
— Fosse olhar-te feiticeira.

— Havia dobrar-me toda  
— Com tenção de t'occultar  
— Que nem o deserto visse  
— A florinha alli brotar:  
— São loucuras, são ciumes,  
— São ciumes de matar!...

SENHORA.

“ Descança, meu bello pagem,  
“ Tu vives nos sonhos meus;  
“ Nunca d'outro neste mundo  
“ Ouvirei delirios seus.

PAGEM.

— Dás-me um beijo em juramento ?

SENHORA.

“ Bem sabes, são todos teus !»

---

## A MINHA FLOR.

A minha flor debruçada  
Na margem d'ameno rio,  
Nasceu de prantos regada  
Em limpa manhã de estio.

Cresceu em viço e frescura  
E ergue o calix mimozo,  
Todo encanto e fermosura  
Em bosque denso e frondoso.

15

E tem no seio tão meigo  
De roza e lirio formada  
A linda cõr desmaiada  
De celeste inspiração;  
E vive alli isolada  
Só de silvas rodeada  
Em sua triste solidão.

“ Oh minha! flor se és mais linda  
“ Que o azul limpo dos céus,  
“ Mais do que o sonho d’um vate,  
“ Se um esmero és tu de Deus;

“ Ouve os suspiros do ermo  
“ Em compassado concerto,  
“ Recebe trovas ardentes  
“ Do trovador do dezerto.

Junto á haste delicada  
Eu senti-me delirar,  
Nesse tão louco trovar  
D’uma alma apaixonada,

A’ nascente, á bella flor,  
O meu canto pertencia,

Lançou-me n'alma a poezia,  
Ensinou-me o que era — amor.

Foi loucura, mas um dia  
Cumpri o louco desejo  
De em suas petalas lindas  
Imprimir um doce beijo.

Mas um dia, foi loucura  
Eu mostrei á minha flor  
O fogo do meu amor  
N'um momento de ternura.

Foi meu tempo ali perdido,  
Vago foi meu delirar,  
Linda flor do rio á beira  
Nunca me quiz escutar!



## MARIA.

Não te esqueças de mim quando sentada  
A' duvidoza luz do sol nascendo,  
Sentires meiga briza mansamente  
Por teus longos cabellos misturar-se.

A' sombra dos olmeiros, não te esqueças  
D'aquellas horas que passei contigo,  
Horas todas prazer, todas encanto  
Misterios, sensações, vida d'amores.

Não te esqueças de mim, do rio á beira.  
Nas horas melancolicas da tarde,  
Qando o astro do dia a sepulta-se  
Em c'lorido docel, desce nos mares.

Meu anjo, meu amor, quando no baile  
Bella, sorrindo sempre a teus escravos,  
Não te esqueça o lugar que tu me davas  
Todo em teu coração, diferente a todos.

Oh! lembra-te de mim, quando á noitinha  
Em teu frouxo divan sentada triste :  
Os prantos te sequei, acalentei-te,  
Qual nevada pombinha, a mão fermoza.

Quando ao volver do baile, fatigada  
Soltando as tranças, e revendo as flores,  
Cançada de sofrer a voz das turbas,  
Não te esqueças de mim, que eu não mentia.

Em teu leito gentil quazi dormindo,  
Descançando em tua mão a fronte joven  
Cerrando mansamente os lindos olhos,  
Não te esqueças de mim, que em ti só penso.

Quando o sonno cerrar teus olhos negros,  
Da-me um sonho dos teus todo saudades,  
Não te esqueças de mim, que á mesma hora  
Hei-de cazar com os teus meus sonhos tristes!

Non te esqueças de mim nunca na vida:  
De tarde, de manhã, de noite, sempre  
Eu quero os sonhos teus, dou-te meus sonhos.  
Non te esqueças de mim, que em ti só penso,



# UMA NOITE NA TIJUCA.

*Offerecida ao poeta brasileiro*

**MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.**

## I.

Solitario eis-me contigo,  
Linda noite de luar;  
Oh ! conversa tu comigo,  
Qu eu vivo aqui a penar.  
Tu és lua brasileira,  
Estou só, vem tu fagueira  
No meio da solidão  
Receber um triste pranto,  
Escutar em negro canto  
Saudades de um coração.

II.

Neste morro de granito,  
Roçando as nuvens por mi',  
Qual n'um deserto do Egypto  
Solitario eu vivo aqui:  
Vem, oh lua, com teu brilho  
Animar de Deus um filho,  
Vem-me dizer onde estou;  
Vem tu contar-me os segredos  
Dos lagos, dos arvoredos,  
Dos montes, que ouvir-te vou.

III.

Da Tijuca sobre o cume  
Miro triste o brilho teu,  
Eu sinto um doce perfume,  
E o fogo que Deus te deu.  
Brilha mais, quero meus olhos  
Soltar ao mundo d'escolhos,  
Quero luz, eu quero ver;  
Estou só, estou comtigo,  
Dá-me, oh lua, o teu abrigo,  
Confia-me o teu poder.

IV.

Vejo as faldas destes montes  
Sobre a terra negrejar,  
Sinto os murmúrios das fontes,  
Oiço os rugidos do mar;  
Mas quem é esse gigante  
Corcovado como Atlante  
Quando o mundo quiz suster,  
Que sobre todos campêa,  
Que o espaço senhorêa.  
Que as nuvens sabe deter ?

V.

Poeta ! que ahi sentado  
Ousaste ao mundo fallar  
E do altivo Corcovado  
Podeste a vista soltar !  
Eu da Tijuca na fronte,  
Sentindo as aguas em monte,  
Solitario trovador,  
Olho como tu olhaste,  
Peno como tu penaste,  
Eu saudades, tu amor !...

VI.

Tu, poeta, abriste os braços,  
E não os abriste em vão;  
Viste nos longos espaços  
Da tua patria o torrão;  
Viste America sermoza  
De bellezas orgulhosa,  
De teus bosques o verdor,  
E dos rios a frescura,  
Das fontes a sermosura,  
Fallarem fallas d'amor !...

VII.

A' direita eu vejo a lua  
N'um serro brilhar ali  
Da — Gávia — na fronte nua  
Tenho saudades p'ra mi.  
Sua grimpa calva e bella  
Lembra-me a minha — Palmella,  
Meu ninho d'aguia a brilhar,  
E os sombrios arvoredos,  
Os laranjaes, os olmêdos,  
Que vão perder-se no mar.

VIII.

Nesse lago como prata  
Com laivos de puro anil  
— Lagamar — onde retrata  
A lua o rosto gentil;  
Em Setubal vejo o Sado  
De meus hymnos namorado  
Correr p'ra mim a sorrir,  
Beijar-me os pés, e lascivo  
Deslizar-se pensativo  
. Com orla d'ouro a fulgir.

IX.

Nessa praia e nessa ermida  
Onde as ondas vão bater,  
Da minha terra querida  
Nazareth eu julgo ver:  
Lá tambem vem uma a uma  
Em rolo de branca espuma  
A vaga a sanha quebrar;  
Lá tambem um templo santo  
Do christão recebe o canto  
Para glorias lhe contar.

X.

De — Babilonia — na frente  
O Pão d'Assucar olhei,  
E a vaga que mansamente  
A beijar-lhe os pés mirei;  
Lembrou-me da minha terra  
Pondo mate altiva serra  
Negra pedra d'alvidrar,  
Que dos vergeis de — Collares  
Uma legua vai aos mares  
Gigantes fórmas mostrar.

XI.

Botafogo, como é bella  
A tua bacia azul  
Onde não ouza a procella  
Erguer se ao vento do Sul;  
Montes verdes te namorão,  
As luzes do céu te adorão  
Revendo as fórmas ali;  
E tu em doces queixumes  
Não zombes dos meus ciumes  
Pela terra em que eu nasci.

XII.

A' gloria ali de Maria  
Esse templo entre o veredor  
Branquejando noite e dia,  
Todo encanto, todo amor,  
Traz-me a lembrança fagueira  
Da ermida da Azueira,  
E os cantos do Zagal,  
E o pranto derradeiro  
Que deixei do meu Arneiro  
Sobre as aguas de crystal.

XIII.

Em — Nicth'rohy — vejo Cassilhas  
E os montes correndo ao mar  
A tantas leguas e milhas.  
O meu Tejo a namorar;  
Vejo o immenso Guanabara  
Banhar a orla tão cara  
Do seu fermoso Brazil,  
E estender os longos braços  
Do oceano nos espaços  
Sobre leguas mil e mil.

XIV.

O meu Tejo!... Oh que saudade,  
Que saudade eu sinto aqui!  
Dá-me um brilho em soledade,  
Brilha, oh lua, sobre mim.  
Meu Tejo rugindo usano  
Tambem ergue p'ro oceano  
Seu duro braço a tremer;  
Mas tambem entre arvoredos,  
Entre arèaes e penedos  
Mansamente sóe correr.

XV.

Poeta ! Que ahí sentado  
Ousaste ao mundo fallar,  
E do altivo — Corcovado —  
Podeste a vista soltar;  
Eu da Tijuca na fronte  
Sentindo as aguas em monte,  
Solitario trovador,  
Olho como tu olhaste,  
Peno como tu penaste,  
Eu saudades, tu amor!

XVI.

Esse throno donde ousado  
Correste o mundo ao redor,  
E este monte em que sentado  
Geme o triste trovador,  
E a Gavia erguendo lenta  
A sua fórm'a cinzenta,  
E esses morros que vez,  
A mangueira azul escura,  
Destes campos à verdura,  
E a natureza em que lês;

XVII.

Lembra-me Ciatra empinada,  
Toda granito e verdor,  
Por mil riachos cortada  
Fallando fallas d'amor;  
Lembrão-me os verdes pomares  
Juato á varzea de Collares,  
Lembra-me tudo que é meu:  
Em todas estas bellezas,  
Melancolia e tristezas,  
Saudades só tenho eu.

XVIII.

No Guanabara formoso  
Eu vejo á luz do luar  
Do argenteo bonançoso  
Verdes ilhas destacar;  
São fermozas essas flores.  
De Paquetá os odores  
Que ainda ha pouco senti,  
Talvez me dessem ciumes,  
Se eu não tivesse perfumes  
Na terra aonde eu nasci.

XIX.

Petropolis, a infantina  
Guarnecida de folhagem,  
Onde corre matutina  
Fresca, pura a leve aragem;  
Do Botáes a serra erguida  
De nuvens ennegrecida  
A incus olhos deixa ver  
Da Estrella o elevado  
Fermoso dorso gelado  
A minha terra a correr.

XX.

Esse rio que em verdura  
Corre os vales d'Iguassú,  
Suspirando com ternura  
Pelos troncos do cajú,  
Lembra-me aqui de Bemfica  
Lagôa fermosa e rica  
Que ao lado do Tejo vem,  
Que d'inverno é augmentada  
Pela agua despenhada  
Dos monies de Santarem.

XXI.

E tu no morro elevado,  
Que fogo te passa ahí  
Nesse lugar destinado  
Que ao pensamento te vi?  
Tu, Bocage Brazileiro,  
Olhas com olho certeiro  
Tal o mundo como é:  
Dos versos tens a grandeza;  
Mas n'alma tens mais belleza,  
Tens mais crença, tens mais fé.

XXII.

Agora uns outros queixumes  
O vento me faz ouvir;  
De poezia eu vejo uns lumes  
Em branca fronte luzir.  
Agora de ti lembrado,  
Eu penso ter um recado,  
Um recado que te dar;  
— Magalhães, teu vate qu'rido,  
« Teu Fylinto agradecido,  
« Ouvio no céu teu cantar.»

XXIII.

Do cisne do Guanabara  
Tambem ouço as harmonias:  
Tu ergues a patria cara  
Ao som de tuas poesias;  
E depois vens preguiçoso  
Deslizar um som queixoso  
Pelos teus campos sem fim,  
E em patrioticas fallas  
Teus cantos livres igualas  
Ao meu joven Palmeirim.

XXIV.

Oh meu Dias, nos teus cantos,  
Nos teus cantos tu não vêz  
Meu Lemos seccando prantos  
Com sorriso portugnez ?  
Foi desse mesmo socego  
Das aguas do meu Mondego,  
Da minha terra natal,  
Que o cisne do Guanabara  
Ergueu a fronte preclara  
Co' os vates de Portugal !...

XXV.

Poeta, que ahí sentado  
Ousaste ao mundo fallar,  
E do altivo Corcovado  
Podeste a vista soltar,  
Eu da Tijuca na fronte  
Sentindo as aguas em monte,  
Não acabo de gemer;  
Eu quero um hymno sentido  
De saudades envolvido  
Aos meus poetas erguer.

XXVI.

Poeta, tu que abraçaste  
O doce Garrett divino,  
Em terra estranha casaste  
Com elle tambem um hymno:  
Tambem quero nesta terra  
Sobre a granitica serra  
Tristes préludios soltar,  
E estudando melodias  
Pelos cantos do teu Dias  
Por amigo o abraçar.

XXVII.

Se bilhas agora, oh lua,  
Sobre o meu berço natal,  
Se o teu disco ahi fluctua  
Sobre o céu de Portugal,  
Dize aos Serpas que lembrado,  
Que saudoso, e namorado  
As noites sinto fugir,  
Lendo os soláos do primeiro,  
Do outro o canto guerreiro,  
Seu patrio, doce carpir.

XXIII.

Ao auctor da — Branca rosa —  
Das Indiannas — dos meus,  
Da — Ella — fresca e mimosa  
Com que me disse um adeus,  
— Leal — em horas caladas  
Recordo as noites passadas,  
De fantastico serão,  
Onde os bardos portuguezes  
Choravão tristes revezes,  
Mostrando seu coração.

XXIX.

Dize ao Cunha que se eu quero  
D'amor um canto soltar,  
Mimoso, puro, sincero,  
Vou seus carmés estudar;  
Dize ao — Lima — que já creio,  
Que já não tenho receio  
De ver a patria affundir,  
Que cheio de fé eu canto;  
Meu Zaluar, secca o pranto  
De teu funereo sentir.

XXX.

E tu, oh simples florinha,  
Na minha terra a crescer,  
E que aos sons da lyra minha  
Tu casaste o teu sofrer,  
Leio teus carmes singelos,  
Escuto teus vôos bellos  
Nascidos do coração,  
E transponho o longo espaço  
Para levar um meigo abraço  
Ao joven — Pato Bulhão.

XXXI.

Poeta, que ahí sentado  
Ousaste ao mundo fallar,  
E do altivo Corcovado  
Podeste a vista soltar !  
Eu da Tijuca na fronte  
Sentindo as aguas em monte  
No teu paiz a crescer,  
Vejo a terra onde hei nascido  
Calar um longo gemido,  
E de novo renascer !...

XXXII.

Tu rodeado d'amores,  
Tu de saudades sem fim,  
Tu mirando as tuas flores,  
E teus campos de capim !  
Eu t'o juro por minh'alma,  
Por aquella triste palma  
Do nosso Deus redemptor,  
Que do Brazil a belleza,  
Da minha terra a lndeza,  
São esmeros do Senhor.

RIO DE JANEIRO, 3 DE FEVEREIRO DE 1849.



## **UMA FLOR.**

Qual sorrizo em labio d'anjo  
Vi abrindo linda flor,  
Pura neve de montanhas  
Vi das folhas no candor.

O orvalho ao romper d'alva  
No seio lhe foi chorar,  
Fagueira briza da tarde  
Foi-lhe o tronquinho embalar.

Ao pôr do sol a florinha  
Tenho-a visto entristecer:  
Sente a flor em seus mysterios,  
Seu sentir sei compr'hender.

Alta noite a sós pensando  
Vejo-a triste, sem abrigo!...  
Oh tu sentes como eu sinto,  
De noite vives comtigo.

A' flor alegra a aurora  
Por qne vê no campo a vida,  
Quando a luz fóge dos campos  
Parece estar commovida.

De noite vive comsigo!...  
Com que hade ella viver?!

Sente a flor em seus mysterios,  
Seu sentir sei compr'hender.

O seu porvir mais risonho  
E' o dia d'amanhã,  
Quando ás sombras, quando á noite  
Succede aurora loucã.

Então ella se diverte  
A mirar-se na corrente  
Do arroio que murmura  
A seus pes languidamente.

Imbalada pela aragem  
Na sua haste mimoza,  
Mira-se em aguas de prata,  
Sente-se mesmo fermoza.

Como é lindá a flor do prado !  
Innocente o seu viver !  
Dôce encanto da minh'alma,  
Mal haja quem te colher.



## **FRAGMENTO.**

Oh virgem sermosa, escuta o meu canto:  
E' puro, é sentido, é cheio d'amor;

Por ti o cantei !

Teu rosto fadou-me no mundo cantor,

Oh virgem sermoza, secca-me este pranto,

Por ti o chorei.

Meus ricos castellos, meu nobre thesouro,  
Espada brioza do meu guerrear

A ti só darei;

Meus cantos singelos d'amante trovar,

Meus pagens valentes, meus bens e meu ouro

Sem ti perderei.

Est'alma que eu tenho ardendo d'amores,  
E' tua p'ra sempre, fermosa Beatriz,  
          Por ti eu amei;  
Sou rico, sou nobre, e vivo infeliz,  
Do mundo as riquezas, dos prados as flores,  
          Sem ti deixarei.

Serás invejada de todas as bellas,  
Terás sobre a fronte a c'roa real  
          Escravo serei,  
D'amor minha crença, meu lindo ideal,  
Canções que eu cantava, fermozas, singelas,  
          Por ti só cantei:  
Minha alma é só tua, meus cantos te eu dei.



## O SOLITARIO.

Elle era só no mundo suspirando !  
Ninguem ouvia seu carpir cançado,  
Nem os echos dos montes, nem os mares,  
Casavão com os seus gemidos tristes:  
Deserto era p'ra elle o mundo inteiro!  
Solitaria palmeira a sós erguida  
Lhe servia de abrigo em tardas horas.

Elle era só na terra suspirando !  
Longe do seu amor, farto de turbas,  
Via erguer-se a manhã risonha, e bella:  
Longe da patria, sobre um serro estranho,  
Olhava em derredor terras e mares,  
Valles, e montes, grimpas solitarias,  
E d'olhos fitos contemplava o mundo.

Ele era só na terra suspirando !  
Amara ? com que amor ! Sofrerá ? sempre.  
Mas o ardente sentir, seus sofrimentos,  
Vo mundo revelar não costumava,  
He sublime de mais p'ra labios de homem  
Comprimido vulcão nos seios d'alma,  
Que aos olhos ergue só a chamma etherea.

Ele era só na terra suspirando !  
Se a briza da manhã corria triste  
Por seu longo cabello ao vento dado,  
As grossas veias de sua fronte joven,  
Mais delgadas então lhe demostravão  
Um alivio do ceu: fechava os olhos,  
E em leve sonuo repouzava um pouco.

E' acaso o dormir p'ra os desgraçados  
Um completo descanso a sofrimentos ?..  
Vinhão-lhe os sonhos maus pouzar na mente,  
Vinha-lhe a mesma vida d'esta vida  
Roer-lhe o coração de magoas tristes.  
O futuro antevia em negros sonhos,  
E dormindo ou velando suspirava.

Se á aura das florestas balouçavão  
D'arvores colossaes ultimos ramos,  
E um anjo, que elle vira em outros tempos  
Rodeado de luz com véo translucido  
Arrojo de belleza, e typo, e gloria,  
Elle via brilhar em ledos sonhos: —  
Acordava — illuzão — bradava em torno.

Se no alto do serro hia sentar-se,  
Via as turbas passar sorrindo alegres,  
Via os bosques com pejo d'occulta-las.  
Alli quieto o mar molhando as praias,  
Acolá de verdura alcatifados  
Montes e plainos a fugir no espaço  
Com fermozo matiz de lindas flores.

Quando os raios ardentes do sol alto  
De scentelhas de luz o espaço enchião,  
Hia encostar-se á sombra da palmeira,  
Abraçava-lhe o tronco, erguia os olhos  
Ao céu, como quem pede alli repouze.  
Cançado de viver, só não ouzava  
Ter descrença no céu, na vida eterna,

Alma do solitario como é triste  
A' noite, ao pé das aguas, que adelgação  
No peito o coração d'amor ardendo !  
Elle é só sobre o mundo como a barca  
Sem guia, sem farol, entregue aos mares,  
Ludibrio d'ondas, á mercê dos ventos,  
Só, e triste, na terra suspirando !...



## **SAUDADES.**

Quem me dera nos tempos d'outr'ora  
Leda infancia passada sem fel,  
E a cana inda verde colhida  
Que eu julgava um fermozo corcel !

Quem me déra esse toque de sino  
Do convento chamando á lição,  
Quem me déra o folguedo innocent'  
Do baloiço em tardes de verão !

Quem me déra das horas passadas  
D'outro tempo um minuto sequer,  
Que alma joven votei neste mundo  
Sentimento á primeira mulher !

Quem me déra sentir qual outr'ora  
De minh'alma a primeira harmonia,  
Quando ao som de meus versos primeiros  
O meu peito inda joven batia!

Quem me déra no tempo de guerra  
Sentir d'alva a requinta soar,  
Ver Setubal da serra illevada  
Junta ao Sado fermoza alvejar?

De tudo isto que resta ? uma cinza  
Negra e triste fugindo no ar;  
E um sonho d'esperança mentido,  
Como todos, na mente a vagar !



## **COMO DORME !**

l.

Como dorme !... que desejo !...  
Dou-lhe um beijo ?  
E' loucura... Não lh'o dou.  
Como dorme sociegada,  
Isolada,  
Acorda-la !.. não, não vou. —

II.

Seccas folhas tem por leito,  
Salta o peito  
De a ver tam bella ahi,  
Tem nos labios um sorrizo,...  
Que paraizo  
Sonhei nos labios que vi !

III.

Ella dorme !... vem aragem  
Da folhagem  
Suas faces refrescar ;  
Ella dorme !.. vem as aves  
Mais suaves  
Seu dormir acalentar.

IV.

Ella dorme ! vem o rio  
N'um desvio  
Junto della refluir;

Como um anjo socegada,  
Isolada,  
Como é dôce o seu dormir !...

V.

Ella dorme !.. como é bello  
O singelo,  
O donozo trage seu,  
Todo de linho nevado,  
Desatado,  
Ondulante como um véu.

VI.

Linda mão tem sobre o peito,  
O seu leito  
Range com seu respirar,  
A outra vae indolente,  
Tristemente  
Sobre as folhas repouzar.

VII.

Outras folhas se despegão  
E socegão  
Sobre o seu corpo gentil ;

Os olhos tem-nos fechados,  
Matizados  
De veias de brando anil.

VIII.

O cabello é todo louro,  
Como o ouro  
Derretido no crisol ;  
A' sombra dos arvoredos,  
Que tem medos,  
Ciumes do mesmo sól.

IX.

Seu dormir é socegado,  
Compassado  
E' do peito o doce arfar ;  
Do seu braço todo neve  
Desce leve  
Véu azul a ondular.

X.

Como dorme !.. Que desejo !..  
Dou-lhe um beijo ?  
E' loucura ! Não lh'o dou.

Como dorme sociegada,  
Isolada,  
Acorda-la, não, não vou.

XI.

D'entre os labios n'um sorrizo  
Lhe divizo  
Alvos dentes a fulgir,  
Uma voz entrecortada  
Inspirada  
De seus labios vai sahir.

XII.

E' um sonho, como é bello !..  
Meu anhelo ?  
Louco é meu desejar;  
Meus delirios, meus amores,  
Nem ás flores  
Em delirio ouzei contar.

XIII.

De seus labios um suspiro!..  
Eu deliro ?  
D'alma o suspiro não sae ;

E se é d'alma longe vâa,  
Vai atâa,  
Doce alento correr vai,

XIV.

E' um sonho !.. Meus ouvidos  
Presentidos  
E' verdade ? Não será ?  
O meu nome em labios della  
Será ella !  
Oh ! comigo sonhará !...

XV.

— « Eu te amo !.. Que harmonia  
— Que poezia !..  
A voz della inda outra vez  
« Ha trez dias leio amores  
« Nessas flores  
« De pouca dura talvez. »

XVI.

O seu braço torneado,  
Descançado,  
Véu azul foi afastar,

E no seio todo neve  
Pouza leve  
Folha secca a balouçar,

XVII.

O seu trage voluptuozo,  
Preguiçozo,  
Afastou seu lindo pé  
Que belleza peregrina !  
Que divina !  
Que lindo typo não é.

XVIII.

Duvidoza cõr d'aurora  
Que discora  
Em longes de carmezim,  
Assim a meia de sèla  
Sóbe leda  
Do finissimo chapim.

XIX.

De joelhos te agradeço,  
Não esqueço,  
O teu sonho bem ouvi :

Estou louco, mas quizera,  
Se eu podéra,  
Occulta-lo até de ti.

XX.

Abrio os olhos ? pausadas  
Socegadas  
Vi-lhe as palpebras fugir !  
E depois vi dormentes  
Indolentes  
Duas pestanas cahir.

XXI.

Inda dorme !... Que desejo !...  
Dou-lhe um beijo ?  
Sou amado !... não lh'o dou.  
Dorme, dorme socegada,  
Minh'amada  
Acordar-te ? não, não vou !



## A CAVEIRA.

Quem te deixou sobre a terra  
Triste craneo abandonado ?  
Nas cumiadas da serra  
De teus ossos despegado ?  
Que serias tu na vida,  
Oh caveira inegrecida ?...

Foste um Rei ? na fronte nobre  
Pouzou-te a c'roa real.  
De custozas lindas joias  
Ingastadas em metal ?  
Que serias tu na vida  
Oh caveira inegrecida ?

Não, não foste!.. os Reis que morrem,  
Tem soberbo mauzuléo,  
E'ssa de negro veludo  
Erguida como um trofeu.  
Que serias tu na vida  
Oh caveira inegrecida ?

Era negro do tempo o crâneo antigo  
Nú, perfeito, e a fronte erguida e nobre ;  
Os olhos muito fundos e sobre elles  
Nas alturas ossaes sonhei um genio  
Li em outras amor, sentir ardente:  
Que serias na terra em quanto vivo ?..

Serias um triste descrido no mundo  
Que só sobre um serro no mundo acabou ?  
Verião os corvos nutrin-se em teu corpo  
Nem alma, sem vida que a terra matou.

D'amante illudida serias um anjo  
No mundo perdida, sem luz ou farol,  
A pallida lua pouzou-te na fronte  
Seccou-te teus prantos um raio de sol.

Que foste, que foste ? caveira isolada,  
Zimborio d'um serro o mundo a mirar,  
Tu'alma foi pura, na mente inspirada  
Sentir d'alma ardente te veio pouzar.

Foste escravo d'alma livre  
Que vieste aqui morrer,  
Dezejozo d'outro mundo  
P'ra mais escravo não ser ?  
Que serias tu na vida  
Oh caveira inegrecida ?

Foste um poeta, cautaste  
Teus sonhos todos d'amor ?  
Que as illuzões te murcharão  
Como nos campos a flor?  
O que foste tu na vida,  
Oh caveira inegrecida !,

Foste poeta, o teu craneo  
Inda tem inspiração,  
Inda vives sobre um serro  
A pasmar na solidão  
Olhas inda o mundo em torno  
Com tua muda expressão !

Foste um poeta, morreu-te  
No mundo a crença tambem.  
O teu craneo é uma lira  
Onde o vento bater vem,  
Aonde áragem suspira  
Os suspiros que ella tem.

Foste um poeta, que as turbas  
Por este serro a passar  
Inda um rizo de sarcasmo  
A' caveira vão mandar,  
Quando o mundo invergonhado  
Te devêra ahi olhar.

Poeta, tu nasces, tu cresces, tu morres  
Sentindo, soffrendo, cantando d'amor,  
O mundo desprezas, e o mundo importuno  
Na tua passagem se vae interpôr.

Poeta, tu nasces cercado d'affectos,  
Infante, já sentes da māi o sorrir,  
Embalão-te os cantos de trovas antigas  
E tu adormeces em doce dormir.

Poeta, mal vives na vida um instante,  
Luzinha inda debil no mundo a brilhar,  
Tu pedes as trovas, e choras por ellas,  
Tu dormes, tu vives ao som do trovar.

Poeta, tu cresces, e julgas na vida  
A alma de todos á tua alma igual ;  
E paira enganado, contente no mundo,  
Feliz, illudido teu bello ideal.

Poeta, tu cresces e vês pouco a pouco  
Perdidos sem tino teus echos em flor,  
E vês sobre a terra a uma por uma  
Illuzões mentidas em sonhos d'amor.

Poeta, tu morres, e cantas morrendo,  
Tu és como o cisne no seu expirar ;  
Teu canto ind'amores singelo, dorido  
Te foge dess'alma no ultimo arfar.

Poeta, tu morres, ou vais sobre um serro  
Do mundo e da vida as magoas matar,  
E deixas os ossos sem honras, dispersos,  
E o craneo isolado ao mundo a fallar.



## O CANTO DO DONZEL.

### I.

Entre todas a mais bella  
Mais bella não tens rival,  
Tu, fermoza Catalina  
Soltando a falla divina  
Por teus labios de coral.

### II.

O Xenil rio fermozo  
Viu-te em Granada brotar:  
Festejou-te preguiçozo,  
E fagueiro e bouaçozo  
Aos pés te foi murmurar.

III.

Tu pareces sobre a terra  
Um raio de luz do céu,  
Quando na terra pensando  
Suspiras de quando em quando  
Quazi occulta em braçco véu.

IV.

Tu és a perla de Hespanha,  
E's a roza granadil,  
Quando o teu corcel donozo  
Do leve pesas orgulhozo  
Corre as margens do Xenjl.

V.

O sultão por ti trocára  
De seu serralho as houris,  
Quando dos labios rozados  
Os lindos dentes nevados  
Tu mostras quando sorris.

VI.

A fé tu converterias  
A raça toda d'Ismar,  
Quando teus olhos escuros  
Parecem marcar futuros  
Com teu meigo e dóce olhar.

VII.

O Oriente te déra  
Todas as joias que tem,  
Se te visse a negra trança,  
Onde a briza se balança,  
Correndo livre também.

VIII.

Por ti o Tasso deixara  
Sua fermoza Leonor,  
Se n'um sonho de ternura  
Sonhasse tua figura,  
Passando como um vapor.

IX.

Anibal fôra covarde,  
Não fôra Nero cruel,  
E o Arabe indolente,  
Escravo de estranha gente,  
Cedera o proprio corcel.

X.

Se escutasse n'um anceio  
De teu peito o doce arfar  
Entre as dobras do vestido  
Na cintura comprimido  
De tella da côr do mar.

XI.

O Impio teria crença,  
Em ti veria seu Deus,  
Se em tu'arpa dedilhando  
Te sentisse suspirando,  
Férmoza filha dos céus.

XII.

Pura e bella Catalina,  
Que não fará teu donzel,  
Se lhe das a mão de neve  
P'ra subir risonha e leve  
Ao dorso do teu corcel ?

XIII.

Se nos plainos e montanhas  
A correr ao lado teu  
De teus labios um sorrizo  
Lhe dà no mundo um paraizo  
E ao mundo chama seu ?

XIV.

Bella filha das Hespanhas,  
Que fará o trovador,  
Ouvindo surgir nesta alma,  
N'un sentir que não acalma  
Uma palavra d'amor ?

XV.

E depois roçando o pejo  
Por teu rosto de carmim,  
Que farei então ouvindo  
Desses teus labios sahindo  
Um som d'amores, para mim ?

XVI.

Linda perla de Granada,  
Que faria o donzel teu ?  
Sua jura viu perdida,  
Alma deu-te nesta vida,  
E julgou o mundo seu.



## O BOUDOIR.

As caças das elegantes  
Todas teem que dizer,  
Cada uma o seu mysterio,  
Se mysterios pode haver.

A saleta diz — espera !  
Espera — quero pensar,  
E a sala auritecida  
De tellas a ondular,  
De vazos de lindas cores  
Sobre as mezas a brilhar,

Com espelhos adornada  
P'ra tudo mais se estudar,  
E o aroma das flores  
Sobre as jarras a dobrar ;  
Que diz a sala elegante  
Que pode a sala contar ?

Alli sorrizes fingidos  
Ha por costume sorrir  
Fallas somente dos labios  
Combinadas p'ra mentir,  
Cortezias insaiadas  
Ante um espelho a fulgir,  
Desculpas muito pensadas,  
E tudo couzas de rir;  
Uma sala em curto espaço  
E' o mundo e seu fingir.

Junto da sala elegante  
Ha outra que quer dizer  
Na singeleza dos moveis  
Em tudo que fica a ver,  
Menos fallas estudadas,  
Menos fingir, mais querer.

E' a caza dos parentes  
Onde se passa o serão,  
Onde se dizem mil couzas,  
Mil couzas ditas em vão;  
Onde p'ra ler um romance  
Gasta a dama todo o verão.

Em seu quarto de dormir  
Não fallo, que nem eu sei;  
Respeito todos os sonhos,  
Se os souber, não os direi:  
Se eu já vi mulher dormindo  
Acorda-l'a não ouzei.

Junto ao quarto de repouso  
Ha um quarto de toucar,  
Onde as grinaldas s'agetão  
Sobre as frontes a ponzar,  
Onde do baile cançada  
Vem a dama descançar,  
Soltando os longos cabellos  
Que ha pouco mandou atar,  
Deitando longe a grinalda  
Que não pode suportar,  
E a um vidro revelando  
O que não quer revelar !...

Logo alli, eu bem divizo,  
    Um paraizo  
Outro quarto quer dizer;  
    Das janellas  
    Cassas bellas  
Ondulantes vem descer

As paredes são forradas  
De cambraia e de setim  
Com flores entrelaçadas  
De verdura e de carmim.

\*

Sobre as mezas elegantes  
De marfim e de charão —  
Entre perlas e brilhantes  
De cristaes em multidão, —  
Vê contente a bella dama  
Em tudo recordaçao.

Linda dama neste quarto  
Solitaria nunca é,  
Os moveis tambem lhe fallão,  
Falla-lhe tudo que vê ! —

Os espelhos a namorão  
E ella vê em redor,  
Um vestir sempre singelo,  
Que julga estar-lhe melhor.

O divan é sempre lindo  
Tem por costume vergar,  
Quando em seu livro pegando,  
Vae a dama suspirando,  
Suas formas descançar.

Não é saleta nem sala,  
Nem é quarto de dormir,  
Nem fermozo toucador,  
Nem é quarto de serão;

E' quarto que não s'iguala,  
E' dado só ao sentir,  
E' todo feito pr'a amor,  
E' todo do coração.

---

## **EU.**

### **I.**

Eu ouvi um gemido prolongado  
Correr de monte em monte, envolto em trevas,  
Vi um raio de luz passar no espaço,  
Momentaneo fugir; vi nas alturas  
D'alvas roupas de tella auritecida.  
A' meia noite, e só correr um anjo  
E á terra descer p'ra vir salvar-me.

Era eu sobre a vida arbusto tenue  
Dobrado á força de qualquer corrente,  
Embalado no mundo a qualquer vento;  
Do anjo desprezei o fallar meigo,  
Da turba no bulcão, ergui meu cóllo,  
Bebi amargo fel em taça d'ouro,  
Da orgia ao clarão queimei meu rosto.

Corri louco no mundo, como o archanjo  
Desprezado de Deus !.

Em braços impios

Gostava de mirar uns rostos lividos,  
Ver uns longos cabellos desgrenhados  
E pizados por noites não dormidas  
Olhos e faces no pallôr da morte,  
Ao pallido clarão de baças luzes.

Outra vez — eu o sei — em tardas horas  
O meu sonno afastou um som divino,  
Qual mystica harmonia n'um convento  
A sós erguido na soidão d'um serro;  
Como notas d'um orgão a perder-se,  
Era bello este som !.. pouzou-me n'alma  
Uma dôr ! Nem eu sei... Mais nesta vida  
Não a senti igual.

Deixei meu sonno.

Acordei!.. a meu lado descansava  
Uma bella mulher, em sonno placido.  
Seus cabellos escuros ondulavão  
Soltos pelo lençol, como a torrente  
Sobre o leito d'um rio despenhada.  
Uns longes de carmim tinha nas faces  
E compassado, e lento de seu peito  
Vinha seu respirar n'um terno anceio.

Nas faces a queimei, ao som d'um beijo  
Acordou, e p'ra mim abrio seus olhos  
Tão tristes, de ternura tam sentidos !...  
Pagou-me o beijo meu, uniu-me ao seio,  
E as faces me regou de tristes prantos :  
Chorci !.. Como marcado eu tinho n'alma  
O meu triste e primeiro pranto joven !...

Eu pensei, eu pensei um momento !  
Vi bem fundo um abysmo ante mim,  
Vi um anjo a meu lado chorando !  
Meus delirios devião ter fim.

Mas uma alma susceptivel;  
Um sangue todo a ferver,  
Peito, qual onda terrivel

Sobre as fragas a bater;  
Uns poucos annos passados  
Pelo mundo resvalados  
Sem um momento pensar,  
Um' alma que não cabia  
Neste mundo em que vivia,  
Sem um mundo lhe bastar!..

Somente intervallos  
Aos loucos abalos  
De curto durar  
Lhe vem tristemente  
Sobr'ardida mente  
Correr e voar.

II.

Como vos adorei, sensações minhas,  
Como, inda por meu mal de vós saudoso  
Nesta vida de gello eu passo triste?  
Sem sentir, sem amar, que vale ao homem  
Neste mundo viver?...

Sorrir sem tino  
Passar os dias só, involto em ouro?..  
Não, minhas sensações, inda vos amo,

Inda nos sonhos meus, me rola sempre  
O tempo que passei; vi a meus olhos  
Quantos delirios ha, ← quantos, pensa-l'os  
Póde d'um louco vate a mente doida!  
Dos festins infernaes sentei-me á meza,  
Ri tambem com um rizo de demonio,  
Embriagado de prazer mundano.

Depois eu descancei arrependido,  
Mas não sei que vazio d'entro d'alma  
Falto de sensações me comprimia !..  
Nos meus braços depois — candidas bella  
Vi sorrindo a mentir em fallar meigo  
As mulheres que amei !

Foi-me a ventura  
Veloz exalação no céu fugindo !  
Eden de sensação gozei por pouco,  
Torrentes de prazer em braços languidos.  
Vivi.. vida de mais p'ra corpo de homem.

E á terra meu anjo baixando  
Alta noite me vinha dizer:  
Oh não vivas assim, que me matas,  
Por que eu choro, dezejo morrer !...

O meu anjo era tam puro,  
O meu anjo era tam bom !  
Apontava-me o fucturo  
Sua voz tinha tal som !  
Meu anjo não descançava  
Noites e dias velava,  
E chorando elle cantava  
Trovas sentidas por mim;  
E depois vinha assagar-me,  
As faces vinha a beijar-me,  
Em meus sonhos embalar-me  
Com sua mão de marfim —

Dormi embalado,  
Dormi socegado,  
Então descancei.  
O mundo cuspiu-me,  
De mófa surriu-me,  
Meu anjo deixei.

III.

Oh que delírio então tomou minha alma!  
Fui sentar-me depois á lauta meza  
Dos maldictos festins; olhei em torno,

Insultei meus irmãos, lutei com elles  
E em revolto brigar basquei a morte:  
Por vezes a olhei, sorri p'ra ella,  
Mas a morte não quiz arrebatar-me.

Só, em fragil batel, no mar cavado,  
Vi meu lenho quebrado, e sobr'as ondas  
Voguei, e vim á praia, vivo ainda!  
Entre chaminas corri, por entre o fogo,  
Sobre uma trave só quazi partida  
Uma virgem olhei — salvei-a — ao cóllo  
Circundado de fumo e labaredas —  
Passei a escada entre listões de fogo,  
E á virgem sermoza eu dei a vida !

Quanto vale medonho e serra altaiva  
Na minha patria ha, passei-oz todos,  
Só, inerme, sorrindo, sem temores,  
E nem por leve acazo vi um perigo !

Oh Deus, Deus de bondade, ouvi meu canto  
Verdadeiro, tam meu, nascido d'alma;  
Vós sabeis tudo, tudo neste mundo  
Conhecido vos é ! Meus Deus, ouvi-me!

Iuimigo de mim, aos outros nunca  
Pensei em fazer mal, nunca dos outros  
Olhei, sorrindo alegre, um triste pranto;  
Os que eu pude sequei, nunca ao meu carro,  
De damnados corceis prendi um triste.

Uma noite descançava  
Do meu cançado viver,  
Uma trombeta soava  
Echo em montes a perder.  
Era alem na minha terra  
Um brado ingente de guerra,  
Que escutava sem querer;  
E minh'alma me dizia,  
Que nessa guerra devia  
Tambem meu sangue verter.

IV.

Corri á peleja, corri ás fadigas,  
Zombei das bombardas, passando por mim,  
Dormi sobre as pedras ao som de mil balas  
Silvando e correndo por campos sem fim.

Vi morrer meus irmãos, vi entre o fumo  
As esperanças do solo Lusitano,  
Quaes feros tigres a luctar indomitos,  
Vi o sangue correr de veias jovens.

Sobre o campo passei, vi meus amigos,  
Inda ha pouco louçãos, alegres todos,  
Sobre os campos, sem vida, ensanguentados,  
E não chorei!.. negado era a meus olhos  
Esse pranto vulgar, de dor mesquinha.  
Chorei depois, confesso — de vergonha  
Que o Luzo gladio, não se entrega inteiro  
A quem Luzo não é, nem pode sê-lo:  
E não o entreguei eu: — com gloria o digo.

Depois de tudo passado,  
Meu anjo de novo vi,  
Que m'lhava namorado,  
Sorrindo alegre p'ra mim.  
E me disse: —nesta terra  
Onde a gente te faz guerra,  
Neste pelago profundo,  
P'ra que teimas tu viver?  
Vae buscar um novo mundo  
Que eu lá vou contigo ter!...

V.

No livro d'esta alma soltei derradeiro  
Em canto singelo meu hymno de dor,  
Qual o cysne à beira do rio que passa  
Vê morta sua alma da vida na flor.

E' meu canto sentido o mesmo sempre,  
Queixas vãas de um soffrer que me devora;  
Dos labios — ironia — é meu sorrizo  
Minha alma soffre sempre, sempre chora.

Tem minh'harpa trez cordas sentidas:  
Uma é crença,— eu creio em meu Deus,  
Outra espr'ança,— espero na vida,  
Outra amor dos meus sonhos tão meus.

A primeira por trez vezes  
Quazi quebrada senti,  
Quando cançado do mundo,  
Do meu Deus até descri.

A corda segunda  
Um dia estalou,  
Que a ideia da morte  
Na mente passou.

A terceira  
Com fervor,  
Sempre, sempre,  
Disse — amor.

E' longe da patria que eu deixo meu canto,  
Que a vida que eu tive ouzei-a dizer!  
Não zombem do triste, respeitem-lhe os dores  
E o pranto gelado que vêem correr.

Não, não zombem de mim ! quando fermoza  
Em longes de carmim desponta aurora  
Esbatida no céu em cem mil cores.  
Eu largo os olhos meus a correr mundos  
Na branda côr do céu sonho venturas,  
Na minha louca ideia vaga esp'rança  
Vem pouzar, arrancando-me um suspiro,  
Que vem do coração passar aos labios.

Nas tardes de meigo estio,  
Quando o sol vae sobre o mar  
Com seu manto de mil luzes  
Paizagens a formar;

Melancolica saudade  
Vem roer-me o coração,  
Nessa hora mysterioza  
Toda encanto e solidão.

A noite deliro  
N'um triste suspiro  
E a lua n'um giro  
Eu vejo correr !

Então eu lembrado  
Do tempo passado,  
Da vida cançado,  
Dezejo morrer: —

A morte  
Passando,  
Roçando,  
Por mim,

Aos dias  
Do triste  
Não ouza  
Pôr fim !...

Gloria, 20 de Fevereiro de 1849.

FIM.



# INDICE.

---

Carta do Autor ao poeta brasileiro A.  
Gonçalves Dias.

v

Resposta.

xii

---

Introdução	1
As duas flores	7
Uma borboleta	10
Dous espectros	12
A minha saudade	15
Então não quero brincar	18
Eu sei ?	21
Dezengano	24
Do que eu gósto	28
Duas estrellas	31
O poeta e o Rei	33
N'um album	44
Pergunta	46
A' R. E. Pato	48
Se córas, não conto	50
Minha Laura	53
Alfinete preto	56
Aos seus annos	59
Tu pareces	61

O meu ramo	64
Os meus desejos	70
A morte	72
O meu segredo	74
A minha viagem	76
O canto do pescador	87
N'um album	93
A sombra da mangueira	98
A minha muza	101
<i>Natus est Jesus</i>	105
Portugal	111
Ja passou!	118
Romance do Drama o Conde Miguel	122
Chamma d'amor	127
Maripoza	136
A Senhora e o pagem	139
A minha flor	145
Maria	148
Uma noite na Tijuca	151
Uma flor	168
O solitario	173
Saudades	177
Como dorme!	179
A caveira	187
O canto do donzel	193
O Boudoir	199
Eu	204

## ERRATAS.

ERROS.	EMENDAS.	PAG.	VERS.
brilhar	pouzar	28	12
a sepulta-se	a sepultar-se	149	2
Tu	Eu	167	2
Vo	Ao	174	4
E'ssa	Eça	188	9
pesas	peso	194	9
De tella da côr do mar.	Detella da côr do mar	196	10
s'ageitão	s'ageitão	291	15





Vende-se nas lojas dos Srs. E. e H.  
Laemmert, Rua da Quitanda n.º 77;  
e na do Sr. Paulo Brito, Praça da  
Constituição n.º 34.









B.I... 1270

Digitized by Google

